



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES CAMPUS III
DEPARTAMENTO DE GEOHISTÓRIA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA**

Odirlane da Silva Lima

Linha de pesquisa: Geografia cultural

**ASPECTOS DA FORMAÇÃO ESPACIAL DA FEIRA LIVRE DE
RIACHÃO/PB**

Guarabira - PB

2010

Odirlane da Silva Lima

**ASPECTOS DA FORMAÇÃO ESPACIAL DA FEIRA LIVRE DE
RIACHÃO/PB**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura Plena em Geografia, da Universidade Estadual da Paraíba, Campus III, em cumprimento aos requisitos necessários para obtenção do grau de Licenciado em Geografia, sob a orientação da Prof.^a Ms. Regina Celly Nogueira da Silva.

Guarabira - PB

2010

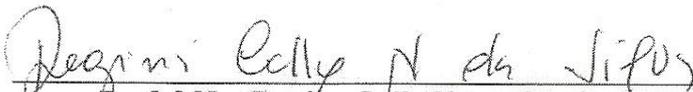
FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA SETORIAL DE
GUARABIRA/UEPB

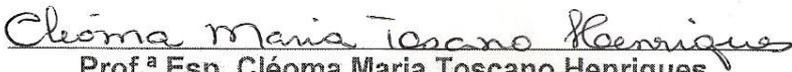
L732a	LIMA, Odirlane da Silva
	Aspectos da formação espacial da feira livre de Riachão-PB / Odirlane da Silva Lima. – Guarabira: UEPB, 2010.
	69f. Il. Color.
	Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso – TCC) – Universidade Estadual da Paraíba. “Orientação Prof. Ms. Regina Celly Nogueira da Silva”.
	1. Economia 2. Feira Livre 3. Riachão
	I.Título.
	22.ed. CDD 331

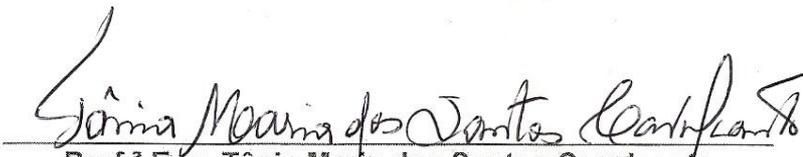
Odirlane da Silva Lima

ASPECTOS DA FORMAÇÃO ESPACIAL DA FEIRA LIVRE DE
RIACHÃO/PB

BANCA EXAMINADORA


Prof.^a Ms. Regina Celly Nogueira da Silva
Mestre em Geografia Humana – UEPB (Orientadora)
Dpto. de Geo-História, Campus III – UEPB


Prof.^a Esp. Cléoma Maria Toscano Henriques
Especialista em Análise Ambiental – UEPB (Examinadora)
Dpto. de Geo-História, Campus III – UEPB


Prof.^a Esp. Tânia Maria dos Santos Cavalcante
Especialista em Geografia e Território – UEPB (Examinadora)
Dpto. de Geo-História, Campus III – UEPB

Aprovada em 17 de dezembro de 2010

Guarabira – PB

2010

À meus pais José Ferreira de Lima e Maria da Silva Lima, que tanto me incentivaram em minha trajetória acadêmica, a meus irmãos: Odirley, Odicarlos, Odjane, Odair e Odailma, que me apoiaram em todos os momentos e aos meus sobrinhos: Kayo e Rayllane, que com seus sorrisos me alegravam e me davam força para o cumprimento desta etapa que com a graça de Deus, está sendo vencida.

Dedico.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus pelo dom da vida e por sua constante presença em minha vida, que em momentos de dificuldades surgidos é sempre meu refúgio e minha fortaleza.

Um agradecimento todo especial à meus pais, a quem tanto amo e admiro, pelo amor incondicional e contribuição dada na minha formação acadêmica e humana.

A meus irmãos que, com muito carinho e apoio, não mediram esforços para que eu chegasse até esta etapa de minha vida, sempre acreditando na minha capacidade.

Aos professores que tanto admiro, Aldo Gonçalves de Oliveira e Marceleuze de Araújo Tavares, pela contribuição concedida.

A minhas cunhadas, cunhados e sobrinhos, pela amizade, companhia e entusiasmo para comigo.

Aos colegas de sala, pela amizade e pelos momentos proporcionados nos anos de Universidade. Vocês são tesouros que guardarei comigo sempre.

Aos professores da UEPB, que contribuíram na construção de conhecimentos.

A Professora e orientadora Regina Celly Nogueira da Silva por ter aceito orientar meu trabalho. Agradeço por sua dedicação e paciência, que foram essenciais para a conclusão deste trabalho.

A banca examinadora pela consideração e apoio.

A pessoas amigas e especiais como: José Cunha Lima, Sérgio de Andrade Enedino, Lidiane Jerônimo de Oliveira, Isabele Aparecida Gomes Pereira e Ana Carla de Sousa Melo pelas palavras incentivadoras e pelo apoio concedido no decorrer deste trajeto.

Aos feirantes, pela atenção e colaboração concedida.

Agradeço a todas as pessoas que de forma direta e indireta contribuíram para a conclusão desta etapa.

Muito Obrigada à todos.

*O comercio em movimento
De uma forma admirável
Que se torna agradável
Onde tem muito alimento
Para o abastecimento
Área urbana ou rural
Na sequencia natural
No âmbito da cidade
Com maior facilidade
Com modo regional*

*O povo se anima logo
Cedo para a feira
Indo de qualquer maneira
Pelo caminho de cima
E encontra com a prima
Parecendo uma festa
Participa e manifesta
Enfrentando com franqueza
A maior de redondeza
E o suor desce na testa*

043 – GEOGRAFIA

TÍTULO: Aspectos da formação espacial da feira livre de Riachão/PB

LINHA DE PESQUISA: Geografia Cultural

AUTOR: Odirlane da Silva Lima/CH/UEPB

ORIENTADORA: Prof^a Ms. Regina Celly Nogueira da Silva/DGH/CH/UEPB

EXAMINADORES: Prof^a Esp. Cléoma Maria Toscano Henriques/DGH/CH/UEPB
Tânia Maria dos Santos Cavalcante/CH/UEPB

RESUMO

A feira livre consiste numa reunião de vendedores e consumidores em caráter periódico e temporário para a compra e venda de determinados produtos, o que a configura, também, como um espaço onde se permeia uma rede de relações econômicas, sociais e culturais. Dentro desse contexto o presente trabalho, realizado no ano de 2010, tem por objetivo um estudo acerca da feira livre de Riachão - PB, apresentando seu processo de formação e sua importância no contexto econômico do município. Através deste trabalho, buscamos também levantar e compreender o perfil daqueles que constituem o cenário da feira, os feirantes. Para o Nordeste, em especial, a feira representa uma atividade econômica e social de extrema importância, não somente pela dinâmica econômica que ela proporciona, mas também pelos aspectos culturais que trás em seu cerne. Assim sendo, esse trabalho também propõe a compreensão do processo histórico e estrutural da feira livre em geral e das nordestinas em particular. Foi realizada pesquisa bibliográfica sobre o tema, bem como, um trabalho de campo. Foram realizadas entrevistas com moradores do município e aplicação de questionários com vinte feirantes. Dessa forma, utilizou-se uma metodologia qualitativa, dando ênfase aos depoimentos colhidos e quantitativa, quando na tabulação dos dados obtidos em campo. Conclui-se que a feira riachãoense é um elemento importante para aqueles que nela trabalham, tornando-a uma fonte de renda para a sobrevivência para muitos comerciantes. Além desses aspectos, podemos ressaltar ainda um cenário cultural particular, de sons, cores, cheiros, movimento e afetividades entre os sujeitos participantes desse evento semanal.

Palavras-chave: Feira livre, feira de Riachão, economia e cultura.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 01	– Localização do município de Riachão/PB.....	13
FIGURA 02	– Delimitação da área de localização geográfica de Riachão/PB.....	14
FIGURA 03	– Reconhecimento dos solos do município de Riachão/PB.....	15
FIGURA 04	– Jesus e os mercadores no templo.....	17
FIGURA 05	– Representação do movimento da feira.....	23
FIGURA 06	– Escola Municipal de Ens. Fund. Menino Jesus em 1999.....	38
FIGURA 07	– Matadouro Público em 1999.....	39
FIGURA 08	– Mercado público em 1999.....	39
FIGURA 09	– Implantação da Feira livre.....	40
FIGURA 10	– Croqui da localização da feira livre atual.....	41

LISTA DE FOTOS

FOTO 01	– Quiosque da feira livre atual.....	40
FOTO 02	– Chegada dos feirantes.....	43
FOTO 03	– Feirantes organizando suas bancas.....	43
FOTO 04	– Venda de frutas e legumes.....	45
FOTO 05	– Venda de roupa e utensílios.....	45
FOTO 06	– Venda de balas, doces e pipocas.....	45
FOTO 07	– Venda de acessórios.....	45
FOTO 08	– Comercialização nos quiosques.....	47
FOTO 09	– Comercialização a céu aberto.....	47
FOTO 10	– Fachada do mercado público.....	48
FOTO 11	– Interior do mercado.....	48
FOTO 12	– Balança de uso compartilhado.....	48
FOTO 13	– Serra elétrica de uso compartilhado.....	48

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 01 – Relação de gênero entre os feirantes.....	50
GRÁFICO 02 – Idade dos feirantes.....	50
GRÁFICO 03 – Procedência dos feirantes.....	51
GRÁFICO 04 – Nível de escolaridade dos feirantes.....	52
GRÁFICO 05 – Tempo de comercialização na feira.....	52
GRÁFICO 06 – Transporte utilizado pelos feirantes.....	53
GRÁFICO 07 – Lucro mensal dos feirantes.....	54
GRÁFICO 08 – Valor do imposto pago a prefeitura.....	55

LISTA DE QUADROS

QUADRO 01 – Gêneros comercializados na feira.....	44
QUADRO 02 – Calendário de funcionamento das feiras circunvizinhas.....	46

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

CEASA – Centrais de abastecimento

CPRM – Companhia de Pesquisa de Recursos Minerais

EMBRAPA – Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IDEME – Instituto de Desenvolvimento Municipal e Estadual da Paraíba

TRE-PB – Tribunal Regional Eleitoral da Paraíba

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
2 DELIMITAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DO MUNICÍPIO DE RIACHÃO/PB.....	13
3 CAPÍTULO I – FEIRA LIVRE: ORIGEM E IMPORTÂNCIA.....	17
3.1 Algumas palavras sobre o surgimento das feiras.....	17
3.2 A Feira livre no Nordeste.....	21
3.3 A Feira livre como um elemento cultural na identidade do lugar.....	24
4 CAPÍTULO II – A FEIRA LIVRE EM RIACHÃO/PB: UMA RECONSTRUÇÃO HISTÓRICA.....	30
4.1 O processo histórico de formação do município de Riachão.....	30
4.2 A feira livre de Riachão/PB e sua gênese.....	31
5 CAPÍTULO III – UM OLHAR SOBRE A ESPACIALIDADE DA FEIRA LIVRE DE RIACHÃO/PB: PERFIL DOS FEIRANTES.....	43
5.1 Caracterizando a feira.....	43
5.2 Perfil dos feirantes.....	50
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	56
REFERÊNCIAS.....	57
APÊNDICE.....	60
Apêndice A: Questionário aplicado aos feirantes.....	61
Apêndice B: Fotos da feira livre.....	64
ANEXO.....	67
Anexo A: Dia de Feira no interior(José de Sousa Dantas).....	68

1 INTRODUÇÃO

A feira livre é um fenômeno econômico e social muito antigo e que representou um marco primordial para o surgimento de várias cidades. Até os dias de hoje se traduz em uma importante tradição cultural que tende a persistir na paisagem urbana como um espaço que possui uma formação específica e que fora criada para atender determinados interesses relacionados ao lucro e a reprodução social.

Desde os primórdios, a instituição feira é vista como um local onde se permeiam os vários tipos de negociações e trocas comerciais, estas, por sua vez, se estabelecem em um cenário repleto de sons, vida, cores e movimento. Nela, feirantes e consumidores interagem de forma dinâmica, o que mostra o lastro de amizade geralmente construído em seu cerne.

Na região Nordeste, as feiras são fenômenos de grande relevância na vida econômica e social do nordestino. Elas se caracterizam não somente por serem um local público voltado para a compra e venda de mercadorias. Muito além disso, se tornam um verdadeiro local onde se desenvolvem inúmeras relações sociais, especialmente nas feiras interioranas.

O presente trabalho tem como objetivo um estudo acerca de uma feira do interior, a feira livre de Riachão - PB, destacando seu processo de formação, suas particularidades (perfil dos feirantes) e sua importância no que se refere ao atendimento das necessidades locais e desenvolvimento econômico do município. A feira livre do referido município promoveu um impulso econômico relativo, um estudo sobre seus atores (feirantes) se faz necessário para entendermos como ocorre sua dinâmica atual, além disso, o trabalho visa contribuir para estudos geográficos que enfatizem a questão do comércio e da cultura.

O trabalho de pesquisa foi realizado no ano de 2010 e está sistematizado em três capítulos. No 1º capítulo: **Feira livre: origem e importância**, abordamos inicialmente o surgimento das feiras e partimos para uma caracterização da feira livre no Nordeste e a feira como um elemento cultural na identidade do lugar. No 2º capítulo: **A feira livre de Riachão/PB: uma reconstrução histórica**, tratamos do processo histórico da existência da feira no município. No 3º capítulo: **Um olhar sobre a espacialidade da feira livre de Riachão/PB: perfil dos feirantes**, foi feito

uma pesquisa com o intuito de conhecer quem são os atores da supracitada feira, respondendo a questões como: de onde eles vem? Quais as suas peculiaridades?

Utilizamos como referencial teórico autores como: Huberman (1981), Braudel (1998), Spósito (1981), Vieira (2004), Pazera jr.(2003), Carlos (2007), Camara (2000), Freitas (2002), Moraes e Araujo (2006), dentre outros que forneceram as bases para o desenvolvimento e construção desta pesquisa.

Os procedimentos metodológicos adotados para a pesquisa constaram do levantamento bibliográfico junto a biblioteca da UEPB, como também, a consulta a sites de universidades e demais instituições de pesquisa científica. Como etapa de gabinete realizamos ainda as leituras e fichamentos das obras consultadas. A atividade em campo foi de extrema importância para observar, registrar e posteriormente analisar os aspectos do cotidiano da feira.

O material e instrumental técnico consistiu na utilização de:

- Mapas
- Equipamentos de informática (micro-computador, scanner, impressora)
- Máquina fotográfica e gravador de voz.

Na etapa de gabinete foram feitos os seguintes procedimentos:

- Fichamento do material bibliográfico
- Pesquisa de dados e consulta a internet
- Elaboração das entrevistas
- Elaboração de gráficos
- Tabulação de dados e digitação

Na etapa de campo realizou-se:

- Deslocamento até a feira livre
- Entrevistas com moradores da cidade
- Aplicação de questionários com feirantes
- Registro Fotográfico

Com todas as leituras e fichamentos realizados, elaboramos a base teórica do nosso trabalho. Os autores utilizados possibilitaram nossa introdução ao tema de pesquisa. Após a coleta e sistematização dos dados de campo, procedemos a escrita do trabalho.

2 DELIMITAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DO MUNICÍPIO DE RIACHÃO-PB

O município de Riachão encontra-se situado na mesorregião do Agreste e na microrregião do Curimataú Oriental. A sede do município está distante 160 Km da capital paraibana, João Pessoa, possui como municípios limítrofes: Araruna (município do qual desmembrou-se) a 25 Km, Tacima a 7 Km e Dona Inês a 12 Km. Sua área territorial corresponde a 90 Km² (IBGE¹, 2010).

Desmembrado de Araruna, cidade-mãe, o município de Riachão ganha sua independência política em 29 de abril de 1994, pela força da lei 5.888, e publicada no Diário Oficial do Estado da Paraíba em 05 de maio do mesmo ano. Dessa forma, é considerada uma jovem cidade (com apenas 16 anos de emancipação). Sua população é constituída por 3.274 habitantes em conformidade com o Censo do IBGE (2010).

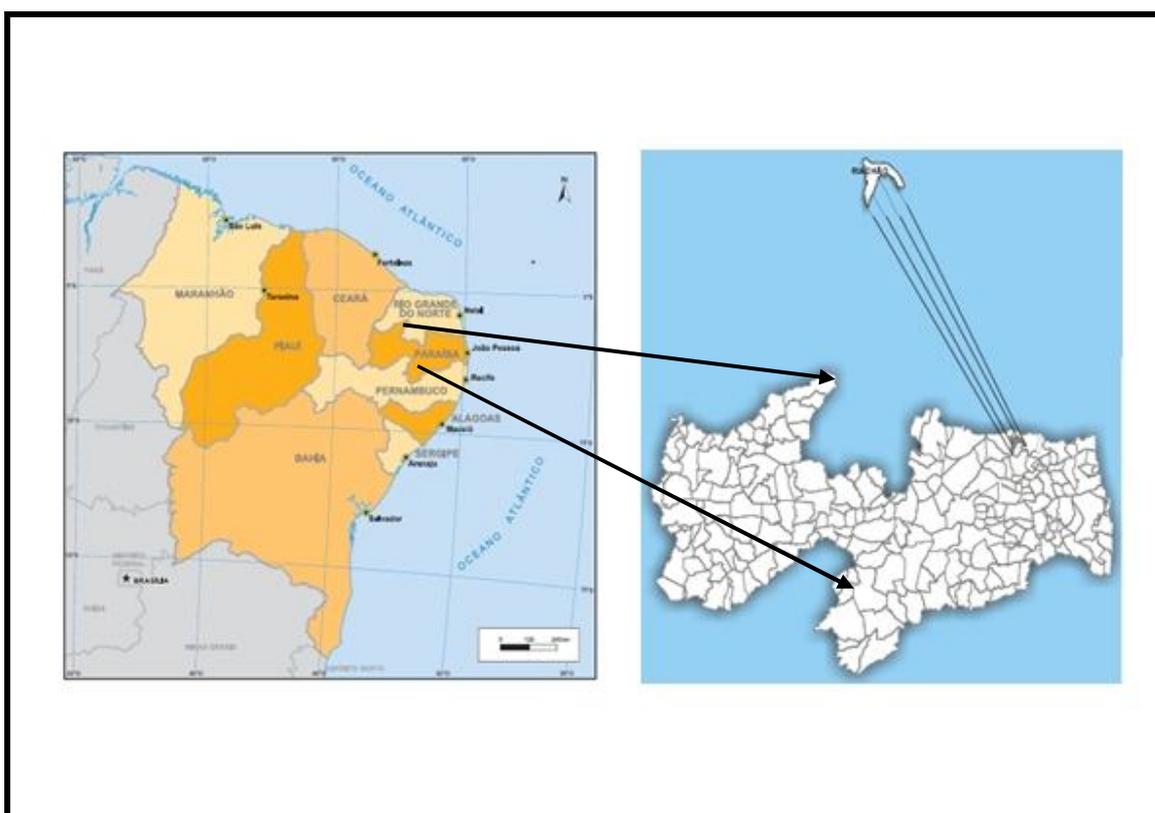
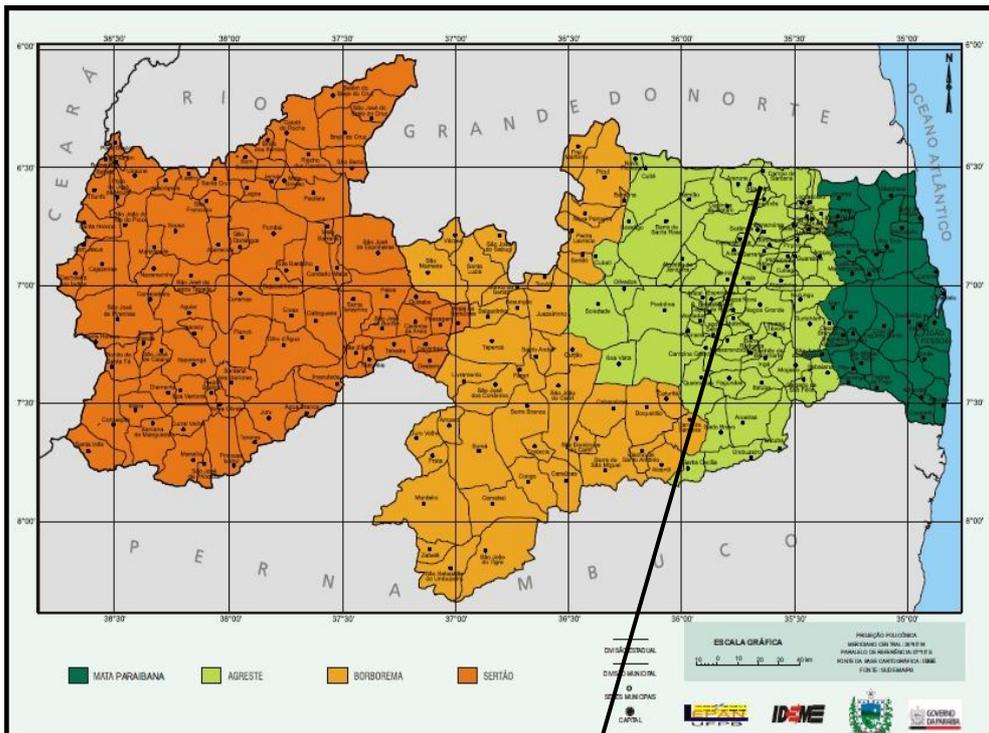


Figura 01: **Localização do município de Riachão/PB.** Fonte: IBGE, 2008; CPRM, 2005 (Adaptado)

¹ Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

MESORREGIÕES PARAIBANAS



RIACHÃO/PB

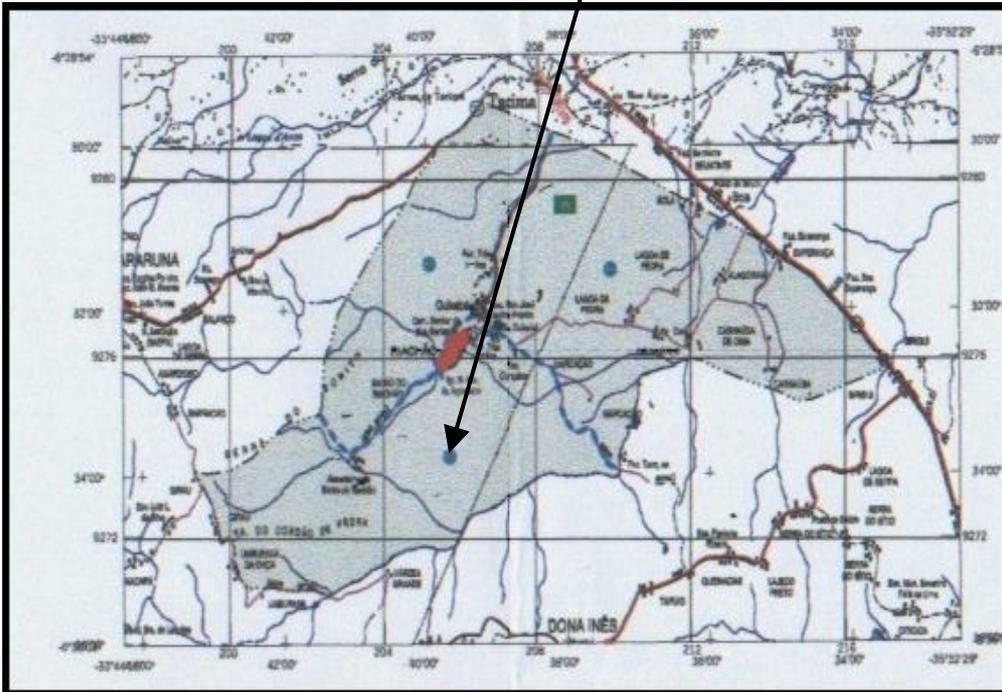


Figura 02: **Delimitação da área de localização geográfica de Riachão/PB**
 Fonte: IDEME², 2008; IBGE, 2000 (Adaptado)

² Instituto de Desenvolvimento Municipal e Estadual.

Em conformidade com estudos realizados pela Diretoria de Hidrologia e Gestão Territorial do Serviço Geológico do Brasil – CPRM³ (2005, p.04), o município supracitado está inserido na unidade geoambiental da Depressão Sertaneja. A vegetação é do tipo caatinga Hiperxerófila com trechos de Floresta Caducifólia.

O clima é do tipo Tropical semi-árido, com chuvas de verão. O período chuvoso se inicia em novembro com término em abril. A precipitação média anual é de 431,8 mm (CPRM, 2005, p. 4).

Quanto ao tipo de solo, de acordo com um estudo feito pela Embrapa Solos UEP Recife (2006) o tipo predominante são os Litólicos Eutróficos, geralmente rasos, pedregosos e de fertilidade natural média.

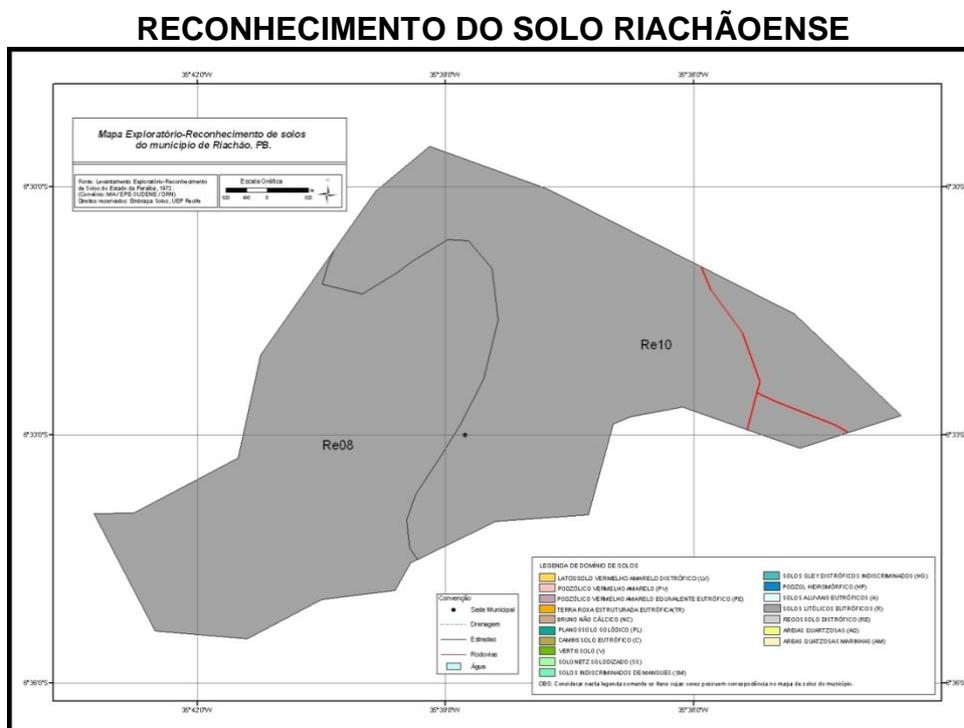


Figura 03: **Mapa exploratório- reconhecimento dos solos do município de Riachão/PB**
 Fonte: Embrapa⁴ Solos UEP Recife, 2006

Quanto a economia “A principal atividade econômica do novo município é a agricultura.[...] A pecuária limita-se à manutenção de vacarias para a produção de leite para o consumo doméstico de pequenos criadores” (Informativo Municipal, 1999). Além da agricultura, a base da economia riachãoense é sustentada por vários setores: o funcionalismo público municipal e estadual, as aposentadorias dos idosos, e o comércio que contribui grandemente para o desenvolvimento da economia local.

³ Companhia de Pesquisa de Recursos Minerais.

⁴ Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária.

CAPÍTULO I – FEIRA LIVRE: ORIGEM E IMPORTÂNCIA

3 CAPÍTULO I – FEIRA LIVRE: ORIGEM E IMPORTÂNCIA

3.1 Algumas palavras sobre o surgimento das feiras

A feira livre é um fenômeno tão antigo que é possível identificar processos de surgimento em elementos religiosos que permeiam o processo de produção do espaço. Na Bíblia, livro sagrado do cristianismo há uma passagem que narra a ira de Jesus contra os mercadores que estabeleciam comércio dentro do Templo Sagrado. O livro de São Marcos fala: “Chegaram a Jerusalém. Jesus entrou no templo. Derrubou as mesas dos Cambistas e as cadeiras dos vendedores de pombas. Ele não deixava ninguém carregar nada através do templo” (Marcos, 11, 16, p.1298).

De acordo com Manoel Filho (2006) o termo Feira provém do latim *feria* e significa dia festivo. Essa significação está relacionada ao fato de que nos dias festivos dos feudos os mercadores da Idade Média iam à praça pública negociar suas mercadorias. A dependência de produtos por parte dos grupos fez com que se estabelecessem lugares de trocas entre quem possuía e quem não possuía determinados gêneros de consumo. Sendo um fenômeno inerente a vida dos grupos com maior contingente populacional, a feira adquiriu significância nos diversos contextos econômicos, sociais ou até mesmo culturais que compõem a vida em sociedade.

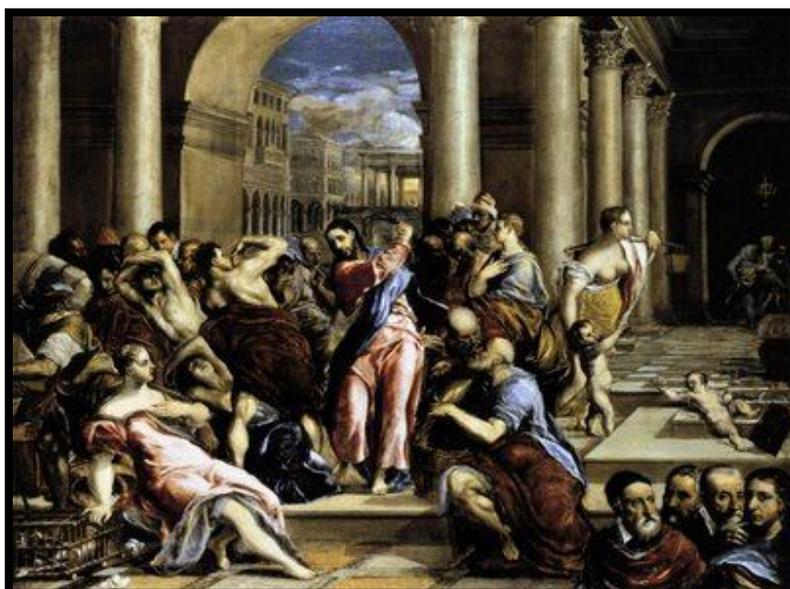


Figura 04: **Jesus e os mercadores no templo. Óleo sobre tela de El Greco**

Fonte: http://www.evandrosalgado.com/blog/wpcontent/uploads/2010/02/ElGreco_PurificacaoTemplo.jpg

A supracitada passagem bíblica retrata algumas características do comércio naquele período histórico, onde os mercadores da época comercializavam seus produtos no templo religioso, local escolhido por possuir um maior fluxo e com isso havia uma maior possibilidade de vendas. A figura 01 evidencia o momento em que Jesus se enfurece com os mercadores que comercializavam dentro do templo, dando margem para pensarmos a influência das feiras no cotidiano das sociedades, desde aquele período.

Vale ressaltar, que trataremos nesse trabalho a feira como um fenômeno que surge com o desenvolvimento das relações capitalistas de produção e que mesmo com as modificações do sistema se mantém como um elemento presente no cotidiano dos grupos humanos até hoje, tendo se estabelecido como um traço cultural, sendo condensador de um conjunto de relações, processos, símbolos e significados.

“A origem da feira livre remonta o século IX na Europa: os mercados locais organizados com vistas a suprir a população local com os gêneros de primeira necessidade” (PIRENNE, apud, SATO, 2007, p. 95). Foi a partir do momento em que começa a existir um excedente regular de produção, que o homem passou, também, a se organizar em pequenos mercados tendo em vista a troca desses excedentes, ou seja, havia um intercâmbio de mercadorias, visando através dessas trocas conseguir os produtos dos quais necessitavam. Com o tempo esses mercados que a princípio visavam o abastecimento local, foram ganhando caráter capitalista.

O surgimento das feiras foi acompanhado de uma demanda natural das pessoas, por oferecer, um ambiente onde se pudesse agregar a maioria dos produtos, disponibilizando-os um maior número de pessoas vendendo ou trocando excessos por outros dos quais se tinha falta. É importante destacar que as autoridades tinham grande interesse na colocação de feiras em suas regiões, porque elas contribuíam para o aumento do fluxo de recursos nas mesmas, bem como, seriam negociados os produtos da própria comunidade (BRAUDEL, 1998).

Elas ganham maior destaque a partir da expansão comercial advinda das cruzadas em função de determinadas rotas comerciais. Elas foram um elemento propulsor para o desenvolvimento comercial daquela época e funcionavam como um centro distribuidor, onde os mercadores e comerciantes compravam e vendiam as mercadorias que chegavam do oriente e do ocidente. Geralmente elas ocorriam ao largo das praças públicas e representaram o momento no qual ressurgiu o comércio

na Europa. “O século XI viu o comércio evoluir a passos largos; o século XII viu a Europa Ocidental transforma-se em conseqüência disso” (HUBERMAM, 1981, p. 18).

Antes disso, o funcionamento da economia em meio ao regime feudal era de característica auto-suficiente, não havia a necessidade de uma produção de excedentes em larga escala e tudo aquilo que era produzido era consumido, por isso o fraco desenvolvimento do comércio naquele período. O caráter essencialmente agrícola somado ao baixo desenvolvimento das relações comerciais ocasionava a pouca utilização do capital. No entanto, as cruzadas⁵ e o renascimento comercial deram um novo ímpeto ao comércio europeu (HUBERMAM, 1981).

Huberman (1981, p. 27) afirma que: “Os cruzados que regressavam de suas jornadas ao ocidente traziam com eles o gosto pelas comidas e roupas requintadas que tinham visto e experimentado. Sua procura criou um mercado para esses produtos”. A intensificação das trocas comerciais foi extremamente importante para o desenvolvimento urbano. E em meio ao avanço comercial foram surgindo e se desenvolvendo as cidades, ou seja, o comércio estimulou o desenvolvimento e/ou crescimento de núcleos urbanos. “As primeiras cidades mercantis resultaram da transformação do caráter destas aglomerações medievais sem função urbana” (SPÓSITO, 1981, p. 37). Acerca das feiras livres no período medieval, salienta Vieira:

Tendo em vista que as sociedades feudais eram auto-suficientes e vendiam seus excedentes através das trocas comerciais, com o processo dos feudos e das cidades, essas sociedades integraram-se ao avanço dos grandes centros (cidades), que cresciam gradativamente; com isso, o comércio que se sustentava a partir de trocas de produtos, passou a ser monetarizado e expandir suas influências ou fluxos, através de rotas comerciais. A economia natural do feudo auto-suficiente do início da Idade Média se transformou em economia de dinheiro de um mundo de comércio em expansão. Nesse momento, deu-se a transição do sistema feudal para o capitalismo. Essa mudança não ocorreu de forma brusca, mas sim gradativa (VIEIRA, 2004, p. 40).

Durante o início da Idade Média, as primeiras feiras eram de caráter temporário tendo em vista ausência de um local fixo para os comerciantes, eram considerados mercados locais e semanais e seus produtos na maioria das vezes agrícolas. As mercadorias eram expostas ao ar livre, e geralmente os produtos

⁵ Expedição militar de caráter religioso que se fazia na Idade Média, contra hereges ou infiéis. Fonte: FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Dicionário de língua portuguesa. (p.586).

alimentícios eram trocados por tecidos, animais, bijuterias, especiarias, couro e outros.

Além disso, os mercadores tinham de pagar impostos ao rei e aos senhores feudais para a negociação das mercadorias. Não obstante, muitas cidades também tiveram seu surgimento relacionado estreitamente com a atividade comercial estabelecida nas feiras, essas basicamente destinadas à realização do intercâmbio de mercadorias e ao abastecimento da população, desempenharam um relevante papel na formação de aglomerados urbanos (MANOEL FILHO, 2006).

Com o tempo, esses mercados locais semanais foram se tornando importantes feiras. A respeito da diferença que havia entre os pequenos mercados do Início da Idade Média e as grandes feiras do século XII e XV, Huberman (1981, p.30) destaca o seguinte:

Os mercados eram pequenos, negociando com os produtos locais, em sua maioria agrícola. As feiras, ao contrário, eram imensas, e negociavam mercadorias por atacado, que provinham de todos os pontos do mundo conhecido. A feira era o centro distribuidor onde os grandes mercadores, que se diferenciavam dos pequenos revendedores errantes e artesãos locais, compravam e vendiam as mercadorias estrangeiras procedentes do Oriente e Ocidente, Norte e Sul.

Tais mercados serviam basicamente as populações vizinhas e eram restritamente voltados para a permuta⁶ de produtos agrícolas, mas que fora ganhando uma dinâmica e caráter maior, o que deu impulso para o desenvolvimento de grandes feiras, essas estavam geralmente situadas em cruzamentos de importantes estradas, onde se encontravam comerciantes oriundos de diversas localidades que negociavam produtos como: lã, seda, trigo, especiarias, drogas medicinais, entre outros.

Em meio a todas essas mudanças, podemos concluir que “O maior desenvolvimento do comércio na transição entre o modo de produção feudal e o surgimento do modo de produção capitalista na Europa tenha sido um dos elementos principais para o desenvolvimento dos **“mercados periódicos”** (DANTAS, 2008, p. 89, grifo nosso). Foi em meio a essa transição que o comércio adquiriu força, pois até então se realizava a troca de mercadorias apenas para

⁶ Troca, câmbio, permutação. Fonte: OLINTO, Antonio. Minidicionário de língua portuguesa. (p. 400).

satisfazer as necessidades dos indivíduos que não possuíam determinadas mercadorias.

As feiras na Idade Média vão se configurar como um importante elemento dentro da economia daquela época, uma vez que surgiram no momento em que o comércio europeu começava a ressurgir por volta do século XI. Era nessas feiras que se comercializavam as mercadorias trazidas de regiões circunvizinhas e de outras regiões em virtude das cruzadas que despertaram as possibilidades comerciais, fazendo com que o dinheiro que antes estava estático começasse a circular e a ser utilizado, favorecendo a economia e o desenvolvimento das cidades daquele período.

3.2 A Feira livre no Nordeste

O surgimento das feiras no Nordeste está ligado a fase de colonização do século XVIII a partir da atividade de criação de gado que foi um atividade econômica que influenciou o desenvolvimento de muitas cidades.

A feira livre foi responsável pelo abastecimento das vilas, que no passado dependiam totalmente desta atividade. Neste momento a produção era escoada para localidades próximas e vindas dos grandes sítios e fazendas que rodeavam as vilas (VIEIRA, 2004, p.46).

E no que se refere à formação socioeconômica nordestina, Dantas (2008) nos diz:

A feira livre desempenhou, e por que não dizer desempenha, grande importância, por ser uma das principais formas de comercialização da produção agrícola e principal mercado de abastecimento para uma parcela da população. Além disso, ela muda, mesmo que seja por algumas horas, toda a dinâmica da cidade em face da movimentação de pessoas que se deslocam, seja de suas residências na cidade, de uma comunidade rural próxima à cidade, de outro município e, também, de outros estados dependendo do raio de abrangência da feira (DANTAS, 2008, p. 92).

No Nordeste, as feiras livres são verdadeiras instituições comerciais que reúnem em seu interior uma diversidade de aspectos culturais de característica permanente e que são de grande importância para o desenvolvimento das cidades. Ela se tornou fonte de sobrevivência para muitos, pois nelas encontramos produtos com preços mais acessíveis do mercado.

Pazera Jr. (2003, p.18) descreve a feira nordestina da seguinte forma:

Além do ponto de encontro tradicional de amigos ou de simples conhecidos, a feira é o *locus* escolhido para os mais variados atos da vida social mantendo assim um sentido de permanência. Ali se sabem as últimas notícias e boatos. Ali são feitos os anúncios de utilidade pública. [...] Espetáculos artísticos, dentre eles alguns hoje ditos folclóricos, desenvolvem-se na feira. Apresentam-se espetáculos com o intuito de promover algum produto, como é o caso dos remédios, ou ainda como forma de entretenimento (cuja remuneração é voluntária), a exemplo dos cantadores que evocam os trovadores medievais, apresentando riqueza em experiência e memória. A literatura de cordel é divulgada quase que exclusivamente nas feiras, sempre com suas raízes no povo.

Nessa perspectiva, a feira como fenômeno concreto é passível de várias interpretações. Para além de sua função específica de ponto de convergência e atração de comerciantes e consumidores, ela representa uma manifestação cultural em que se produzem não só as trocas de bens materiais representados pelas mercadorias, alimentos e outros valores de uso, mas também as trocas de bens simbólicos lastreados pela confiança, pela preferência por determinados produtos e seus feirantes, pela crença eficácia medicinal de ervas e raízes e, no caso de cidades interioranas do Nordeste, pela prática cultural de ir à feira não só para se abastecer, mas também para encontrar amigos, regatear preços de mercadorias e se informar dos últimos acontecimentos.

O universo da Feira-livre Nordestina é muito rico, encontram-se neste ambiente traços culturais do passado representados pelas barracas de mangaio⁷, produtos vendidos por “raizeiros” (sementes mágicas como a mucunã⁸ ou olho-de-boi, que garantem proteção e fartura e defesa contra “mau olhado” para quem conduz constantemente). Ao mesmo tempo são oferecidos artigos de produção recentes, desde vestuário até utensílios de cozinha, passando pela permanência de produtos alimentícios, básicos como o feijão, farinha, fubá de milho, bem como a produção agrícola de frutas, legumes e verduras.

⁷ Produtos da pequena lavoura e da indústria doméstica vendidos nas feiras e mercados do interior do Nordeste. Fonte: FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Dicionário de língua portuguesa. (p. 1271)

⁸ [Do tupi; Mucuna] sf.Bot. Gênero de plantas herbáceas e trepadeiras lenhosas tropicais, da família das leguminosas, dotadas de folhas trifolioladas e flores exuberantes, em racemos, pedunculados, axilares. Fonte: FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Dicionário de língua portuguesa. (p. 1375)

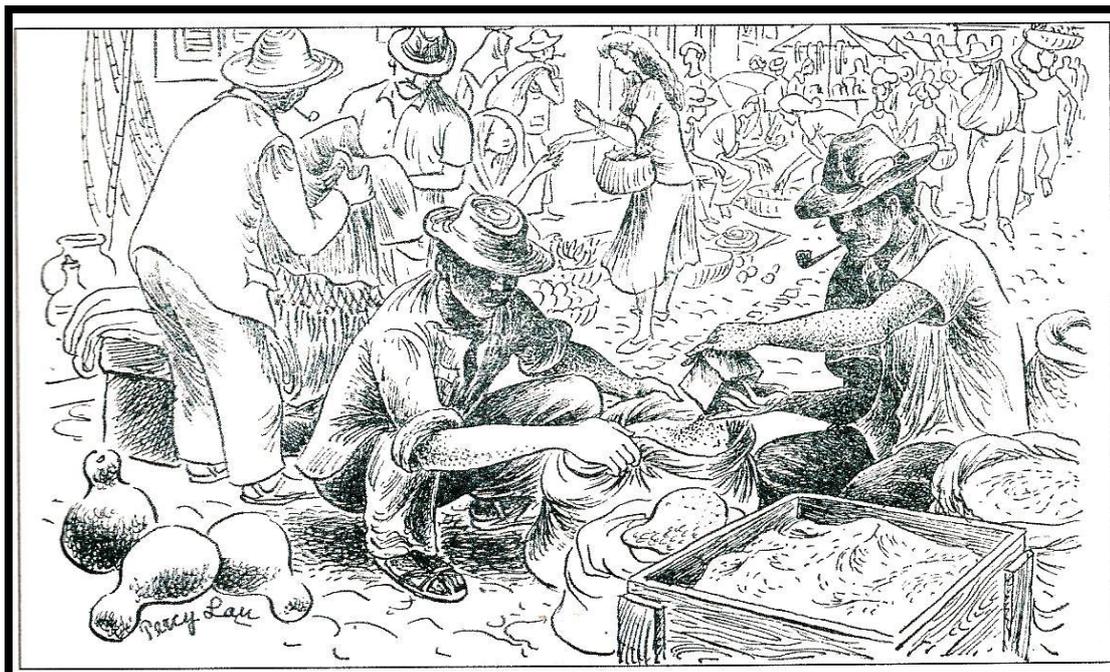


Figura 05: **Representação do movimento da feira**

Fonte: Desenho de Percy Lau. ("A Feira sertaneja") apud Pazera. (2003, p. 29)

Produtos de couro; exposições; trocas e vendas de produções artísticas e artesanais; ervas; raízes e engarrafadas. Todos esses elementos estão presentes no cotidiano e contribuem para a vida e o espírito das feiras livres, em especial as nordestinas que possuem características únicas como nos retrata a figura 02. Estas por sua vez são ricas culturalmente, pois trazem consigo caracteres que o tempo não conseguiu destruir. Os elementos de uma feira Nordestina, sem dúvida, colaboram para a construção de uma identidade cultural embasada no cotidiano singular do Nordeste, bem como seus costumes e modo de vivência.

Dentro desse contexto, as feiras livres adquirem grande relevância na vida do nordestino, com seu lado econômico, sendo uma das principais fontes de abastecimento de grande parte da população, bem como, os traços culturais e sociais impregnados no seu processo de formação. Mantém vivo até hoje uma série de caracteres que vão desde o artesanato, as comidas típicas, as raízes, e a participação de "cantores da terra", em especial os violeiros que ainda se fazem presente em muitas feiras do Nordeste.

De acordo com Pazera Jr. (2003, p.27), se destacam no Nordeste dois tipos de feiras. Ele as descreve da seguinte maneira:

No Nordeste, encontram-se basicamente dois tipos de feiras: as dos centros urbanos com toda uma estrutura de comércio regular e as pequenas feiras espalhadas por todo o interior. Estas podem ser consideradas como remanescentes das feiras tradicionais, onde o agricultor, artesão e criador se transformam em comerciantes. Neste tipo de feira o comerciante esporádico vende o que possui em excesso para adquirir os gêneros de sua necessidade. Este tipo de feira ocorre com mais intensidade nos menores e mais rústicos povoados, quer do litoral quer do sertão.

Nesse sentido, há uma grande distinção entre as feiras-livres de grande e pequena extensão do Nordeste. As maiores se caracterizam por uma maior variedade de ofertas de produtos e a dinâmica comercial se torna bem mais ampla. Neste caso, inúmeros feirantes se deslocam de várias cidades, configurando uma grande rede de comércio, movimentando todo o capital da cidade. As feiras interioranas, por sua vez, não deixam de desempenhar um papel relevante na economia do município, no entanto, a diversidade de seus produtos é bem menor. Nas feiras menores, geralmente os produtos que são comercializados são oriundos do próprio município. Além disso, ela dá subsídio ao camponês que vê empregada quase toda a família na feira (PAZERA JUNIOR, 2003).

Assim, a permanência da feira no cenário de grandes e pequenas cidades traduz múltiplos significados. Alguns explicitamente perceptíveis através da sua própria realização e objetividade enquanto *lócus* de trocas comerciais e interativas, outros mais sutis vinculam-se à própria estruturação sócio-espacial do lugar ou área urbana.

Apesar da pouca dinâmica em relação a diversidade de produtos, as feiras interioranas nordestinas possuem grande representatividade na economia do município no qual estão inseridas. É perceptível nesses municípios que a idéia de “dia de feira” vai muito além de uma atividade comercial, simbolizando também um acontecimento social. Dessa forma, observa-se a importância das feiras Nordestinas, importância essa que também se traduz na contemporaneidade.

3.3 A Feira livre como um elemento cultural na identidade do lugar

As abordagens culturais são importantes para estudos dentro do campo de várias ciências, dessa forma constitui-se relevante também para a geografia. A geografia cultural é revitalizada por volta de 1970, destacando-se como uma relevante corrente de pensamento da geografia, associando as experiências

humanas e seus reflexos na modelagem da paisagem e na busca do entendimento de sua identidade com o lugar.

A cultura pode ser caracterizada como uma prática de aspecto social, pois todos os seres humanos se sociabilizam e produzem e/ou constroem essa cultura conjuntamente. Nesse contexto, o ser humano na condição de agente cultural vem registrando há muito tempo seus costumes, hábitos, crenças, valores, enfim, tudo aquilo que é parte integrante de sua cultura.

A Cultura não considera indivíduos isolados, mas sim um grupo/comunidade. Por isso é um meio para podermos compreender as diferenças e semelhanças entre os homens. Neste caso, instala-se uma situação que envolve de um lado a presença e ação humana traduzidas por características, comportamentos e símbolos e por outro lado a classificação de áreas definidas pelos grupos humanos que a habitam. Estes grupos compartilham tradições, passado comum, valores e significados das representações culturais que ocorrem nestas áreas. “Assim a cultura também está assentada numa base geográfica” (CORRÊA, ROSENDAHL, 2003, p. 29).

Esta situação nos conduz à reflexão sobre os princípios da territorialidade da qual a cultura constitui-se parte fundamental. É pela existência de uma determinada cultura que se cria um território, e é por este último que se exprime a relação simbólica que existe entre cultura/espço.

Nesse contexto, a pluralidade cultural existente na sociedade como um todo, fornece uma contribuição para o entendimento amplo das realidades humanas. A cultura se desenvolve e se materializa em elementos do próprio cotidiano, este por sua vez se configura como um dos fatores principais para o “fazer cultura”.

Os traços culturais populares são bastante fortes por ser a feira livre, o que a destaca como um palco privilegiado de apresentações, exposições, trocas e vendas de produções artísticas e artesanais que caracterizam a cultura popular. Um local cheio de vida, de movimento, de cores que se misturam e que se traduzem em significados. É na feira, que comumente as pessoas vão encontrar produtos típicos de sua comunidade, que resgatam toda uma cultura já existente e que caracteriza um povo. Sobre o conceito e visão de Cultura, Araujo afirma que:

A cultura deve ser vista como um conjunto de significações que se enunciam nos discursos ou nos comportamentos aparentemente menos culturais a partir desta constatação, por conseguinte podemos estudar desde os indivíduos, bem como o meio no qual eles estejam inseridos, com

todas as tradições transmitidas por milhares de anônimos” (ARAUJO, 2006, p.31).

Dessa forma, em se tratando de cultura, nada melhor do que as feiras para representar o lugar, pois em seu cerne ela expressa os traços culturais de uma determinada cidade, refletindo o perfil daquele espaço por meio da venda de produtos que possuem valores culturais, a exemplo o artesanato local. Nesse contexto, as feiras livres se traduzem em importantes fenômenos econômicos, sociais e culturais. Sua importância se insere desde a sua dinamização econômica, a questão cultural e a socialização sucedida entre feirantes e consumidores.

Passando por um conjunto de significações ao longo do processo de desenvolvimento do sistema capitalista, indicamos a feira hoje como um fenômeno presente na vida das sociedades imersas no modo de produção capitalista. Para muitos, ela é uma das formas mais acessíveis para o consumo de determinados produtos, sendo assim elas já fazem parte do cotidiano de grande parte população que não sobrevive sem o movimento contido nas feiras livres, que é parte integrante do lugar e também compõem suas características.

O “espaço feira livre” está inserido no setor informal, mas isso não minimiza a sua importância. Em meio ao cenário de modificações do sistema capitalista a feira permanece como fenômeno de desenvolvimento das relações capitalistas de produção. Em seu cerne, ela gera uma grande demanda de serviços diretos e indiretos dentro de sua modalidade periódica de comércio. Essas relações de trabalho se misturam com as relações interpessoais que são norteadas pela convivência.

O trabalho e as relações que são executadas pelos atores da feira livre (feirantes e consumidores) expressam um sentido amplo, pois além de sua importância econômica capitalista como elemento estruturador das relações de troca que permeiam esses espaços, esse mesmo trabalho pode ser entendido e/ou visto como “lócus de permanência cultural”, uma vez que são lugares que guardam uma identidade própria, em especial dos moradores onde se desenvolve, apesar de trazer influências de outros lugares, por meio de elementos/mercadorias, ou seja, podemos perceber dinâmicas e traços que vão se diferenciar de acordo com cada feira livre. Consoante com Carlos (2007, p.22) o lugar vai se configurar como:

O lugar é produto das relações humanas, entre homem e natureza, tecido por relações sociais que se realizam no plano do vivido o que garante a construção de uma rede de significados e sentidos que são tecidos pela história e cultura civilizadora produzindo a identidade, posto que é aí que o homem se reconhece porque é o lugar da vida[...] O lugar contém uma multiplicidade de relações, discerne um isolado, ao mesmo tempo que apresenta -se como realidade sensível correspondendo a um uso, a uma prática social vivida.

Dentro dessa perspectiva de lugar, as feiras livres não são apenas meros locais públicos, onde pessoas compram e vendem mercadorias. Muito, além disso, pode ser evidenciado seu lastro social. Na feira, nós encontramos em sua existência e permanência na paisagem das cidades uma forma de exercício social historicamente reconhecido o qual é vivenciado pela comunidade nas formas de inter-relação entre seus participantes (compradores e feirantes). E nessas relações sociais a feira livre acontece:

[...] Num ritmo cíclico, com começo e término, que se repetem sucessivamente em um movimento de “rotação” dos acontecimentos. Nesse espaço, também podemos perceber uma rede de sociabilidades urdidas pelos diversos andarilhos que, trilhando as veredas dos comércios de ruas, trocam conversas, saberes, fazeres, dizeres, brincadeiras, risos, jocosidades, táticas, estratégias, astúcias, experiências, enfim, tecem suas artes de comprar, vender, permutar, realizar a feira e fazer história (MORAIS; ARAUJO, 2006, p. 248).

Podemos observar no espaço “feira livre” uma pluralidade de indivíduos, e ali também são criados elos de companheirismo e amizade ao longo do desenvolver da feira aliados também a construção de territórios e aspectos culturais confundindo-se com o processo de produção do espaço e modificação da paisagem urbana.

[...] Os atores sociais ao representarem os espaços, simultaneamente, apropriam-se destes, imprimindo usos e significados. [...] no caso da feira livre, este é apropriado de diversos modos, com destaque para as atividades do setor informal”. (MORAIS; ARAUJO, 2006, p. 248).

Na contemporaneidade, a existência das feiras livres pode sofrer ameaças pelas mudanças no padrão de vida e consumo da sociedade. Nessa perspectiva, a feira livre enfrenta a concorrência com as redes de supermercados. Porém, a feira livre se organiza em teias de relações sociais, na comunicação e no contato entre feirantes e consumidores, onde em alguns casos o preço do produto é estabelecido pelo “pechinchar” e uma conversa direta entre ambos, e isso é uma característica que não encontramos nos supermercados. Contudo, a feira livre ainda

continua persistindo como um espaço de resistência econômica e cultural, especialmente nos municípios interioranos da região do Nordeste brasileiro. E é nesse âmbito que discutiremos a gênese, as peculiaridades e a importância de uma feira do interior, no caso do nosso objeto de estudo, a feira livre do município de Riachão – PB.

CAPÍTULO II – A FEIRA LIVRE EM RIACHÃO/PB: UMA RECONSTRUÇÃO HISTÓRICA.

4 CAPÍTULO II – A FEIRA LIVRE EM RIACHÃO/PB: UMA RECONSTRUÇÃO HISTÓRICA.

4.1 O processo histórico de formação do município de Riachão

Muito pouco se sabe sobre a história de Riachão, a busca por sua origem enquanto comunidade, nos leva sempre para os relatos orais. Esses relatos, por sua vez, se configuram como a principal fonte histórica da gênese do povoado, pois são poucos os registros escritos.

Câmara (2000) nos diz:

Os antigos habitantes não costumavam ou não gostavam de registrar os acontecimentos. Sabe-se pouco sobre eles. O melhor ponto de referencia é a Igreja que foi e sempre será a portadora dos melhores registros. O certo é que foi sendo criada sob a inspiração e benção [...] da Virgem da Conceição, sua padroeira [...](CÂMARA, 2000, p. 7-8)

Percebemos que a história do surgimento das cidades no interior do nordeste tem como ponto de partida as edificações religiosas. Partindo desse princípio, a construção da Igreja matriz de Riachão data de 1866, e posteriormente passou por um processo de ampliação datado em seu frontispício o ano de 1885. Com isso, “Ao seu redor surgia um arruamento sem muita ordenação urbanística, que foi sucessivamente vítima de inundações por causa da proximidade com o rio que dá nome ao lugar” (CUNHA; LIMA, 2010, p. 02).

Portanto, foi em volta da igreja que a comunidade começou a se organizar, ou seja, a construção da igreja foi o marco inicial para a formação da comunidade. Depois de algum tempo, os moradores passaram a construir suas moradias em locais afastados, pois como a igreja se localizava e ainda se localiza frente a um riacho, naquela área, em épocas passadas, ocorriam muitas inundações atingindo conseqüentemente as casas circunvizinhas. Os relatos orais dão conta que a área onde está localizado o município de Riachão, em tempos passados, foi um ponto de passagem de mercadores de gado que vinham do litoral e demandavam as terras de Araruna. Acerca disto Cunha e Lima (2010) nos falam:

Sendo assim, as áreas de várzeas do Riachão também foram utilizadas entre os séculos XVII e XIX, como ponto de criação de bovinos. Pois temos que levar em consideração que Riachão fica na rota de locomoção dos bovinos entre Bananeiras, que era o município sede de Araruna até 1876 (CUNHA; LIMA, 2010, p.03).

Boa parte desses animais era comercializada em dias de feira no município de Araruna, atraindo populares dos povoados adjacentes. Sobre o comércio de produtos o povoado de Riachão, possui relatos de uma pequena feira que pouco prosperou por causa dos poucos recursos financeiros dos moradores do local.

Todavia com o advento da emancipação política, novamente tentaram incentivar o comércio local com a implantação da feira, no ano de 1999 que persiste até os dias atuais merecendo ser conhecida em suas especificidades. Como descreve Araujo e Meneses (2010). A cidade reflete o passado e presente. Seus lugares, seu cenário possui a sua história. História que lembra o quanto não seria possível viver o momento atual, da forma que se vive, se não tivesse sido possível existir o ontem. “O hoje é, sem dúvida, uma invenção do ontem” (ARAÚJO; MENESES, 2010, p. 12).

4.2 A feira livre de Riachão- PB e sua gênese.

Memórias e depoimentos são partes constitutivas dos estudos históricos, sem eles não seria possível compreendermos fatos e/ou acontecimentos passados. É justamente para se fazer uma leitura de realidades vivenciadas que muitos pesquisadores utilizam em seus estudos a metodologia da história oral.

A História Oral é “um método de pesquisa que utiliza a técnica da entrevista e outros procedimentos articulados entre si, no registro de narrativas da experiência humana” (FREITAS, 2002, p. 05). Dessa forma, é uma ferramenta que possibilita retratar realidades vivenciadas por diferentes indivíduos e em diferentes recortes temporais, além de valorizar tais indivíduos como sujeitos-agentes na construção da história. Os relatos produzidos pela história oral são utilizados para complementar e enriquecer pesquisas, dando ênfase à memória como fonte informativa.

Nesse contexto, para o desenvolvimento deste tópico, fizemos uso de relatos orais, dado o fato de não haver uma história sistematizada da feira livre do espaço em questão. Foram entrevistados no total de cinco residentes da cidade, em uma faixa etária de idade que varia entre 72 e 83 anos de idade. São pessoas que praticamente nasceram, cresceram e construíram suas histórias no município, sendo

assim, trazem consigo experiências, estórias e vivências que são de grande relevância para o desenvolvimento do presente estudo.

Os relatos foram gravados entre os dias 21 e 26 de junho. E foi por meio de dessas entrevistas concedidas por alguns moradores da cidade, que pudemos montar um esboço do processo de surgimento e desenvolvimento da feira, bem como o primeiro mercado que existiu na cidade, pois inexitem documentos ou fotografias que registrem esse momento.

De acordo com relatos, em 1940, muitos anos antes da atual feira, já houve o funcionamento de uma feira de caráter menor que a atual. Na época, Riachão ainda era distrito de Araruna, a realização dessa feira partiu dos próprios residentes da comunidade como descreve o Senhor Aduino Paulo Ribeiro⁹, 74 anos: “*O povo mesmo quem teve a idéia, ai começaram a anunciar a feira e o povo começou a aparecer e a se juntar na rua, ai procurava se localizar pra vender alguma coisa*”. Essa iniciativa dos próprios moradores em organizar uma feira periódica estava relacionada com a própria necessidade de se ter um local onde pudessem comprar os produtos dos quais precisavam.

Todavia, essa feira era muito pequena e geralmente se comercializava em sua maioria gêneros alimentícios e de primeira necessidade, outros produtos em pouquíssima quantidade, como nos relata o aposentado Senhor Sebastião Ferreira de Lima¹⁰, 83 anos:

Lá vendia milho, feijão, às vezes uma fava né, farinha, rapadura, só era essas coisa mesmo, e carne vendia também: carne de porco, de bode, carne de gado, era só essas mercadoria, num tinha esse negocio de verdura. Tinha panela de barro, tinha as loicera. As vez tinha deles que vendia parcatas mas de sola né num tinha esse negócio de japonesa¹¹ não. tinha as chinela, as chinela era quatro correinha e a parcata só de cabresto mesmo.[..]num tinha cachaça não, só nas bodegas.

O fragmento acima nos revela as características dessa antiga feira, pelos produtos acima citados podemos perceber que a mesma possuía característica bem nordestina, pois comercializava produtos como as panelas de barro, e sandálias de sola, os quais, não encontramos hoje na atual feira da cidade.

⁹ Sr Aduino Paulo Ribeiro, 74 anos, entrevista realizada em 25 de junho de 2010 em Riachão – PB.

¹⁰ Sr Sebastião Ferreira de Lima, 83 anos, mais conhecido como seu ourinho, entrevista realizada em 26 de junho de 2010 em Riachão – PB.

¹¹ O Entrevistado se refere aos novos e atuais modelos de sandálias, em especial as Havaianas.

O entrevistado nos fala da inexistência da venda de verduras nessa feira, mas no depoimento da aposentada senhora Rita Souza da Cunha, 79 anos,¹² ela nos fala que também se vendia verduras e até mesmo roupas: *“Tinha feijão, rapadura, farinha, alguma verdura, tinha pouco tecido era mais roupa feita, calça, camisa, mas também não sei de onde vinha esse pessoal que vendia roupa pronta”*.

Ainda com relação aos produtos que eram vendidos nessa antiga feira, o Senhor Aduino Paulo Ribeiro nos diz: *“Vinha verdura de longe mas vinha, vinha tecido, calçado. Eles ficavam na rua mesmo, botava os produtos nas banquinhas, no chão também”*. Essa antiga feira funcionava sempre uma vez na semana em dias de sexta feira, pois aos sábados e domingos havia feiras nas cidades vizinhas: Araruna e Tacima, respectivamente. E a comunidade também freqüentava as mesmas, uma vez que a feirinha da comunidade não supria todas as necessidades dos moradores.

Nessa antiga feira, quem comercializava não eram apenas pessoas da comunidade, havia também aqueles que eram de áreas circunvizinhas que vinham vender seus produtos, a respeito deles, a aposentada Senhora Maria da Salete Aquino Torres¹³, 72 anos, nos relata:

As miudezas eles traziam e colocavam numa banquinha e os demais qualquer casa de uma pessoa amiga eles deixavam mercadorias e quem precisava e necessitava ia lá comprar. Era só baixar a mercadoria lá que a sociedade já sabia né, aí ia comprar. Não era na frente da casa, era mesmo dentro e as pessoas que procurassem. Os tecidos eram vendidos da mesma forma. Só a carne que os marchantes pegavam e colocava os fardos da carne de sol em frente a uma casa numa banca na calçada e as pessoas iam comprar. E de lá dessa calçada eles partiam pra Araruna ia revender em Araruna nos sábados, mas passavam aqui na sexta feira de tarde. Eles não eram de Araruna, acho que era de localidades aqui perto, acho que era do bola¹⁴, eu tenho uma vaga lembrança de onde era. Mas sei que não era daqui e também de Araruna não era porque eles vinha na sexta pra cá e no sábado revendia na feira em Araruna também.

De acordo com o depoimento citado, vinham pessoas de outras áreas venderem seus produtos e se organizavam tanto em bancas como também em casas de “conhecidos” de forma a montar algum tipo de loja, em se tratando de tecido e outros. Já a carne era exposta e vendida em algum tipo de banca localizada em frente a algumas casas da época. Além de vendedores, também vinham

¹² Rita Souza da Cunha, 79 anos, mais conhecida como Dona Ritinha, entrevista realizada em 25 de junho de 2010 em Riachão – PB.

¹³ Senhora Maria da Salete Aquino Torres, 72 anos, entrevista realizada em 21 de junho de 2010 em Riachão – PB.

¹⁴ Comunidade pertencente à Tacima, cidade vizinha a Riachão.

consumidores de outras áreas, como bem nos descreve o Senhor Adauto Paulo Ribeiro:

Eu lembro mais de um rapaz que morava ali em Alagamar¹⁵, que ele comprava pele de carneiro, de bode, comprava algodão, comprava sisal e daqui ele transportava pra outros lugares. Também vinha um rapaz vender calçados de Belém.

Não se sabe ao certo quantos feirantes havia nessa feira, mas provavelmente eram poucos, os entrevistados não recordam o número exato: *“Eu não lembro muito bem quantos feirantes tinha, mas de fora mesmo era uns quatro ou cinco de fora, o resto era tudo daqui e botava uma banquinha, vendia uma coisa, vendia outra [...] era bem variado, uma feira normal mesmo, mas muito pequena”*. (Adauto Paulo Ribeiro).

Sobre a procedência de alguns produtos comercializados antiga feira o Senhor Sebastião Ferreira de Lima afirma que:

A rapadura tinha um bocado que vendia, agora eu esqueço o nome do danado do velho que era quem mais vendia, eu vendi muita rapadura a ele, eu trazia do brejo e vendia pra ele, e ele retalhava. A gente trazia em burro, carregava em burro mulo, tinha deles que tinha umas tropinha de jumento, mais eu mesmo trazia em burro, farinha as vez vinha um lá do Passa e fica¹⁶ também que vendia.

No fragmento acima, o Senhor Sebastião Ferreira de Lima, que já foi tropeiro por muito tempo nos revela que ele mesmo chegou a trazer inúmeras vezes, rapadura que era vendida na feira, oriunda da região do Brejo e transportada por ele por através de animais, mais precisamente o jumento.

É importante frisar a pequena dimensão dessa feira, e que realmente a maioria dos feirantes eram da própria comunidade, que aproveitavam o espaço da feira livre para comercializar os seus excedentes de produção obtidos com as safras e outros produtos. Como disse Dona Ritinha *“era um comecim de feira né, aí o pessoal era mais daqui mesmo”*.

A entrevistada ainda nos revela: *“O pessoal matava gado aqui mesmo sabe. Ai tinha a feirinha de feijão, mas era mais com o pessoal daqui porque plantava muito cereal, fazia muita safra ai vendia aqui mesmo”* (Rita Souza da Cunha).

¹⁵ Sítio pertencente a Belém-PB.

¹⁶ Cidade do Rio Grande do Norte.

Quanto à localização da feira, em conformidade com os relatos, ela estava situada no espaço onde hoje encontramos a Rua Manoel Tomaz de Aquino, atual Centro da cidade.

Nessa mesma época em que ocorria a feira, já existia na comunidade alguns pontos de comércio, referente a eles, a Senhora Maria da Salete Aquino Torres nos fala:

Já tinha loja aqui, principalmente à do meu pai¹⁷ porque era uma loja grande, mercearia, loja e miudezas sem ser nesse mercado numa casa construída por ele mesmo, e foi uma das primeiras lojas de comércio daqui e não era tão pequeno tinha tecido, miudeza e também era mercearia. Era duas casas junto conjugada tinha de tudo. Mas antes da loja do meu pai, já vinha por aqui alguns mascates pra vender mercadoria de porta em porta e que vinham de animais. Aí depois disso foi que meu pai botou essa loja e era uma loja grande não era nem pequena. Era de um porte grande.

Fato também é que mesmo com a existência dessa feira na comunidade, o pessoal ainda se deslocava para as feiras das cidades vizinhas. O fragmento de voz do Senhor Adauto Paulo Ribeiro, nos diz: *“ O pessoal ainda saía, porque aqui tinha pouca coisa, não tinha tudo e a feira daqui era na sexta feira, ai tinha a feira de Araruna que era no sábado e ainda é hoje e a de Tacima que era no Domingo, dai as pessoas também ia pra essas feiras”*. Na época, a dificuldade para chegar a essas feiras vizinhas era enorme, pois o principal meio de transporte utilizado eram animais, em dias chuvosos os caminhos se tornavam quase inviáveis, pois não existia estrada asfaltada.

A maioria ia a cavalo, às vezes ia de caminhonete também, mas quando chovia era aquela dificuldade porque num tinha esse asfalto na época né era só massapê. Aí tinha que ir de cavalo mesmo ou burro, ia mais pra feira de Tacima porque era mais perto. (Adauto Paulo Ribeiro, 72 anos)

Quando o pessoal se deslocava para as feiras vizinhas, muitos iam e voltavam em grupos, simbolizando o lastro de amizade que havia naquela época. Seguiam viagem cedo da manhã a fim de chegar mais cedo na feira encontrar as melhores mercadorias. *“A feira da Araruna quando o povo ia era tudo a cavalo ou jumento tinha carro não. E ia sempre dois , três amigo junto, as vezes uma turma junta também, cada qual tinha seu horário de ir, mas sendo pela manhã né porque a feira era durante o dia”* (Rita Souza da Cunha).

¹⁷ Manoel Tomaz de Aquino, um dos primeiros comerciantes da comunidade.

A antiga feira livre não se prolongou por muitos anos, durou cerca de oito a dez anos, ou seja, perdurou até por volta do ano 1950. Com o tempo foi-se diminuindo o número de feirantes e foram conseqüentemente diminuindo também a diversidade dos produtos. Visto a dificuldade de locomoção para se chegar até a cidade, os feirantes de outras localidades foram aos poucos deixando de vir comercializar no local. Além disso, foi diminuindo também o número de vendedores da própria cidade. Com o número cada vez mais reduzido de feirantes, essa antiga feira foi aos poucos entrando em declínio. Vejamos o fragmento de voz que se segue ele nos fala dos motivos do fim da feira antiga:

Porque o pessoal encontrou locais melhor de negociar né e foram deixando de ir. O lugar também é muito pequeno num dava condições pra eles vim, o transporte também era difícil naquela época, portanto foi indo foi indo e acabou-se, dai enquanto não tinha o mercado o povo fazia a feira fora. (Aauto Paulo Ribeiro, 74 anos)

Se antes, com a feira a população ainda saía para as feiras vizinhas, quando a feira teve seu término todas as pessoas da comunidade tinham de se deslocar para fazer suas feiras, é claro com grande dificuldade, visto que aqueles que não tinham um meio de transporte chegavam a ir a pé mesmo, até mesmo aquelas pessoas idosas. De uma maneira engraçada, o Senhor Sebastião Ferreira de Lima, o seu Ourinho nos fala:

Os que não possuía burro ou cavalo ia de pé. As vezes eu me ria muito com o pai de Luiz de Ciço (compadre do entrevistado), ele dizia olhe o cabra quando é novo dorme até seis hora, já o véi acorda de duas hora, três hora, vai pra Tacima fazer a feira que a daqui acabouse. Ai ele sai com um saco nas costas, o outro dorme, quando é de seis hora pras sete levanta, banha o rosto, toma café e vai, passa pelo véi no caminho, faz a feira lá e volta. Ai ele quando vai entrano na rua muiado de suó e vexado, mas deixa que a passada no lugar de ir pra frente vai pra traz né – risos. (Senhor Sebastião Ferreira de Lima, 83 anos)

Com o fim da feira, passaram-se alguns anos para a inauguração de um mercado público na comunidade, o primeiro mercado público. *“Passou de cinco a dez anos, um período assim pra ter o mercado”* (Aauto Paulo Ribeiro). Tal mercado foi construído durante a administração do então prefeito de Araruna na época, Alfredo Barela, que fora eleito no ano de 1959 (dados do site do TER-PB¹⁸).

¹⁸ Tribunal Regional Eleitoral da Paraíba- histórico das eleições de 1959 na Paraíba.

Levando em consideração a temporalidade das entrevistas, foi por volta de 1960 que foi inaugurado o primeiro mercado da cidade de Riachão.

Riachão foi beneficiado com o mercado, que passou a funcionar aos domingos. Segundo relatos, em sua inauguração houve uma festa, com músicos vindos de Araruna. *“Eu era muito pequena e não estava no dia da inauguração, mas eu me lembro que minha mãe contava que teve festa nesse dia com orquestra e tudo, foi festa a noite toda mesmo e o pessoal que tocou era de Araruna”*. (Maria da Salete Aquino Torres, 72 anos).

Com relação aos dias de funcionamento desse primeiro mercado *“Começava ali de seis hora pras sete, e terminava cedo, o povo pouco né, vendia aqueles trocin e de nove hora pras dez num tinha mais ninguém”*.(Senhor Sebastião Ferreira de Lima, 83 anos). O mercado só era aberto aos domingos, e muitas daquelas pessoas que antes comercializavam na antiga feira, passaram a vender também no interior do mercado. Dessa maneira, vendiam-se os mesmos produtos que haviam na antiga feira. O Senhor Sebastião Ferreira de Lima, nos descreve a estrutura física: *“O mercado tinha aquele salão grande, e tinha dois canto assim de vender uma bebida né, as vez vendia um sal, um açúcar, uma rapadura, um feijão, uma coisa ou outra mas era pequeno”*. Em contrapartida, a Senhora Maria da Salete Aquino Torres nos relata:

Era amplo, tinha várias divisórias e era assim uma estrutura boa, usava também como um espaço dance, era aproveitado para festas porque aqui não tinha clube e não tinha um outro local para eventos e eram feitos todos os eventos lá, tanto da escola como qualquer festa que houvesse. (Maria da Salete Aquino Torres, 72 anos).

Podemos perceber que o espaço central do mercado era utilizado não somente para comércio, como também para a realização das festividades da própria comunidade, já que não havia espaços onde se pudessem fazer tais danças e brincadeiras.

Dançavam quadrilhas e era feito qualquer evento que houvesse na comunidade porque como não existia clube nem salão era aproveitado pra festas. Tanto de dia de ano quanto as festas juninas e era animado até demais amanhecia o dia na maior tranqüilidade isso ai que era importante. Havia ensaios o mês inteiro até o dia de chegar o são João pra ter um maior evento mesmo. Um dos maiores eventos que se tinha aqui era dia de ano era de manhecer o dia. Era a tradição daqui: são João e ano novo né. (Maria da Salete Aquino Torres, 72 anos)

O antigo mercado também não funcionou por muito tempo, cerca de cinco a oito anos. Não se sabe exatamente o porquê de seu fim, mas ao indagar sobre isso com o Senhor Sebastião Ferreira de Lima, o mesmo nos diz: *“Por causa das crises, aqui dava crise uma em cima da outra, dois, três anos sem haver nada, aí o povo foram se deixando, deixando, e deixaram acabar a feira”*. O fato do mercado não ter se mantido estava aliado às crises econômicas e agrícolas vivenciadas naquela época, dessa maneira a população não conseguiu fazer com que o funcionamento do mercado fosse duradouro.

Posteriormente ao fim do mercado, depois de alguns anos, o espaço fora aproveitado como espaço educativo e começou a funcionar uma escolinha denominada “Chapeuzinho Vermelho”, onde se tinha o pré-escolar e todos os professores que ali lecionavam eram da comunidade. Vale salientar, que as festas que antes eram realizadas no espaço do mercado não deixaram de ser feitas. Com o decorrer do tempo foram feitas reformas e passou a funcionar a Escola Municipal de 1º Grau de Riachão (entre os anos 1994- 1996) e atualmente neste mesmo local encontra-se uma escola municipal com o funcionamento da modalidade do ensino fundamental, que foi construída na primeira administração do então prefeito de Riachão na época : Ernany Gomes de Moura (in memorian) que foi inaugurada no ano de 1999.



Figura 06: **Escola Municipal de Ensino Fundamental Menino Jesus em 1999**
Fonte: Informativo Municipal, 1999

Em 1999, Riachão também ganha um mercado público e um matadouro, agora já como cidade e não distrito dependente de Araruna. Com condições ideais para iniciar a o funcionamento de uma feira nesse mesmo ano, a feira livre atual da cidade é inaugurada.

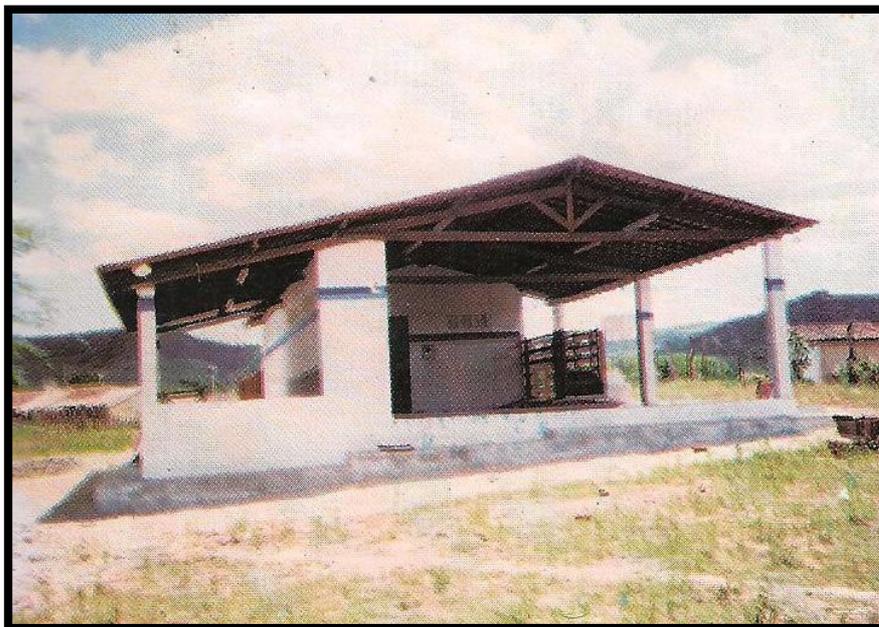


Figura 07: **Matadouro Público em 1999**, ano no qual foi inaugurado
Fonte: Informativo Municipal, 1999

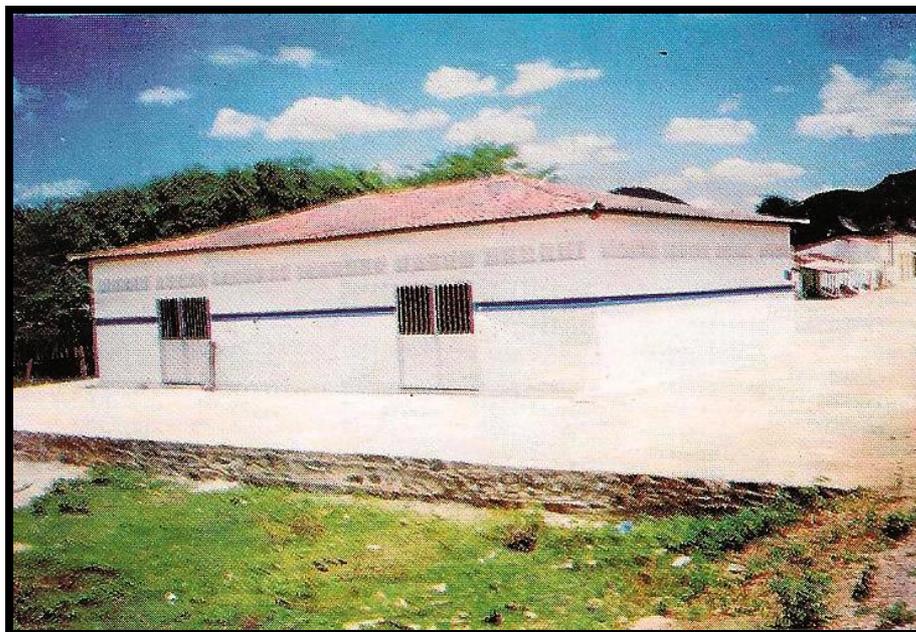


Figura 08: **Mercado público em 1999**, ano no qual foi inaugurado
Fonte: Informativo Municipal, 1999



Figura 09: **Implantação da Feira livre**

Fonte: Centro Histórico e Cultural de Riachão - PB, 1999

Com a implantação de Feira livre constatou-se uma maior circulação da economia local, além do investimento no comércio, uma vez que com o advento da feira livre, surgiram também outros elementos propulsores da economia, como mercadinhos e lojas de materiais de construção, refletindo conseqüentemente no desenvolvimento da economia no território municipal. O mercado foi inaugurado em 1999, mas posteriormente ganhou uma melhor infra-estrutura e passou a ter também três quiosques como este da foto abaixo que protegem os feirantes do sol e da chuva.



Foto 01: **Quiosque da feira livre atual**

Fonte: Acervo da autora, 2010

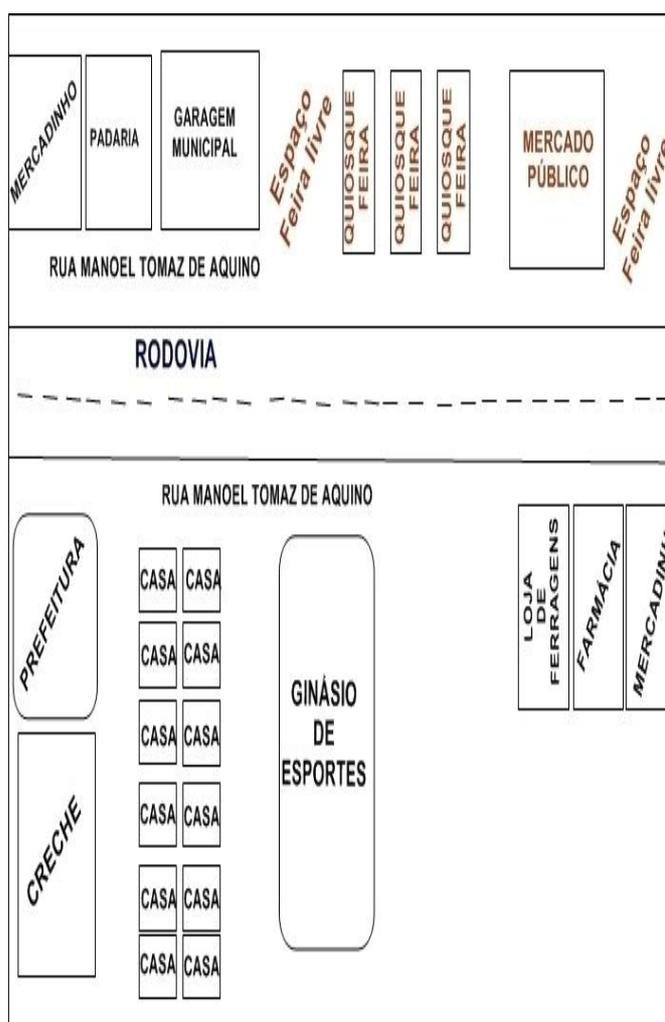


Figura10: **Croqui da localização da feira livre atual**
 Fonte: Odirlane Lima

No croqui acima, temos esquematizada a localização do espaço feira livre atualmente. Ao observarmos podemos perceber que existem alguns mercadinhos, padaria e outras lojas que encontram-se justamente nas proximidades de onde ocorre a feira. Dessa forma, verificamos a importância do acontecimento semanal da feira livre da cidade, influenciando grandemente no desenvolvimento econômico do município. Nesse âmbito, as peculiaridades e as características daqueles que trabalham nesse cenário também merecem ser estudadas e conhecidas pela população. Dessa forma, fizemos no capítulo seguinte um estudo acerca disto.

**CAPÍTULO III – UM OLHAR SOBRE A ESPACIALIDADE DA FEIRA
LIVRE DE RIACHÃO/PB: PERFIL DOS FEIRANTES**

5 CAPÍTULO III – UM OLHAR SOBRE A ESPACIALIDADE DA FEIRA LIVRE DE RIACHÃO/PB: PERFIL DOS FEIRANTES

5.1 Caracterizando a Feira

Por meio de uma pesquisa de campo na feira, foram obtidas algumas informações e dados através da aplicação de questionários com 20 feirantes. Ressaltamos, que o contato direto com aqueles que comercializam na feira foi de grande importância para a melhor compreensão das particularidades do nosso objeto de estudo, bem como dos agentes que dele participam. Vale salientar, que os questionários foram aplicados no mês de novembro de 2010.

As atividades comerciais no dia de feira começam com a vinda dos primeiros feirantes. Quatro horas da manhã, e eles já estão chegando, se organizando e montando suas bancas. É mais um dia de trabalho que se inicia. As mercadorias recém chegadas começam a ser descarregadas. De longe é possível escutar e observar as vozes e o movimento que permeiam esse cenário de encontro entre vendedores e compradores.



Foto 02: **Chegada dos feirantes**
Fonte: acervo da autora (2010)



Foto 03: **Feirantes organizando suas bancas**
Fonte: acervo da autora (2010)

Desde sua inauguração, a feira livre de Riachão-PB acontece sempre em dias de domingo. Nesse dia a cidade se movimenta e conseqüentemente todos os equipamentos comerciais como: padarias, mercadinhos, lojas de construções,

mercearias, farmácias e outros, também são favorecidos pelo acontecimento dominical da feira livre.

A feira, sem dúvida, trouxe um novo ímpeto ao desenvolvimento econômico da cidade, além disso, a população foi beneficiada com um espaço de abastecimento semanal, não necessitando se deslocar para as cidades vizinhas quando se trata da compra de produtos do gênero alimentício, principal gênero comercializado na feira. No quadro abaixo, encontram-se listados os produtos que são vendidos na feira.

Gênero	Especificações
Alimentício	<ul style="list-style-type: none"> • Frutas: manga, melancia, melão, banana, maracujá, goiaba, laranja, lima, abacaxi, maçã, pêra, morango, uva. • Verduras/legumes/raízes: alface, couve, cenoura, tomate, chuchu, pepino, beterraba, batatas, macaxeira, inhame. • Condimentos: pimenta, colorífico, cominho, alho, orégano, e ervas. • Grãos e cereais: feijão, farinha e milho. • Carnes: peixe, boi, aves, porco, bode. • Pratos feitos e bebidas. • Lanches: tapioca, bolos, sucos, cachorro-quente. • Bomboniere: chocolates, doces, balas, chicletes.
Vestuário	<ul style="list-style-type: none"> • Roupas, tecidos, bijuterias, relógios e calçados.
Utensílios domésticos	<ul style="list-style-type: none"> • Panos de prato, produtos de limpeza, utensílios de cozinha.
Diversos	<ul style="list-style-type: none"> • CDs e DVDs.

Quadro 01: **Gêneros comercializados na feira**

Fonte: pesquisa de campo 2010

De fato, como podemos observar, o gênero alimentício é o de maior comercialização da feira. Existem poucas bancas voltadas para a comercialização de roupas, calçados e outros artigos.



Foto 04: **Venda de frutas e legumes**
Fonte: Acervo da autora (2010)



Foto 05: **Venda de roupas e utensílios**
Fonte: Acervo da autora (2010)



Foto 06: **Venda de balas, doces e pipocas**
Fonte: Acervo da autora (2010)



Foto 07: **venda de acessórios**
Fonte: Acervo da autora (2010)

Vale ressaltar que antes do funcionamento da feira na cidade, os moradores riachãoenses se dirigiam as feiras dos municípios vizinhos para efetuarem a compra dos produtos dos quais necessitavam. O fato que se observa, é que esse hábito não mudou para muitas pessoas, visto que muitas delas ainda se deslocam às feiras vizinhas em busca de menores preços e, principalmente, uma maior variedade de produtos.

De fato a feira aqui em estudo, levando em consideração seu tempo de funcionamento desde sua inauguração (11 anos), podemos dizer que a mesma está em processo de desenvolvimento e, assim sendo, não oferta uma grande variedade de produtos, principalmente em se tratando de roupas, calçados e acessórios. Dessa forma, os moradores procuram as feiras vizinhas, especialmente em períodos festivos como: festas juninas e réveillon. Vejamos o quadro abaixo, ele nos mostra aos dias de funcionamento das feiras que ainda são procuradas pela população riachãoense.

Localidade	Dia da semana
Araruna	Sábado
Dona Inez	Sábado
Tacima	Domingo
Belém	Segunda

Quadro 02: **Calendário de funcionamento das feiras circunvizinhas**
 Fonte: Pesquisa de campo 2010

A feira de Tacima, por exemplo, acontece no mesmo dia que a feira de Riachão, mesmo assim ainda há pessoas que se desloca a cidade vizinha em dias de domingo.

A feira de Riachão se destaca de outras feiras interioranas no que se refere a sua infra-estrutura, uma vez que ela possui três quiosques, espécies de coberturas fixas que foram construídas algum tempo depois da inauguração da feira no intuito de proteger aqueles que ali comercializam. Em dias de chuva, por exemplo, os comerciantes que atuam nesses espaços são privilegiados e suas mercadorias não sofrem nenhum dano. A princípio, a construção dessas coberturas visava abrigar aqueles comerciantes mais antigos. Todavia, na realidade, isso não aconteceu. Alguns dos primeiros feirantes da cidade não conseguiram fixar-se nesses locais. No momento, de se organizarem esse direito não foi reconhecidos entre os próprios feirantes. E atualmente, temos feirantes que desde o início trabalham na feira, mas que comercializam seus produtos a céu aberto.



Foto 08: **Comercialização nos quiosques**
Fonte: Acervo da autora (2010)



Foto 09: **Comercialização a céu aberto**
Fonte: Acervo da autora (2010)

As fotos acima nos mostram aqueles que vendem sob os quiosques construídos pela prefeitura e os outros feirantes que comercializam a céu aberto. A respeito disso, o feirante José Francisco (65 anos) nos diz:

Eu achei muito errado isso. Eu fui um dos primeiros que chegou aqui. Desde o início da feira eu tava por aqui, e quando fizeram essa coberturazinha ai, era pra colocar a gente, porque a gente tinha mais direito né, Daí, quando foram inaugurar, cada um que pegou seu canto, e eu e outros não deu tempo. Tem gente ai que chegou depois e conseguiu ficar lá debaixo. eu fiquei vendendo por aqui mesmo. A gente até reclamou na época, o pessoal da prefeitura disse que ia dá um jeito, mas até hoje estamos aqui. Eu só acho ruim quando ta chovendo porque como eu vendo essas frutas aqui, molha tudo. É ruim demais (Informação oral em novembro de 2010).

Realmente, nem todos os comerciantes fazem parte desse seletivo grupo que, de certa forma, obtiveram um privilégio de fazerem a venda das suas mercadorias, protegidos e sem se preocupar com os dias quentes ou chuvosos. Constatamos que além daqueles que possuem já suas bancas fixas, existem também aqueles que improvisam colocando seus produtos no chão. Dessa forma, se despreocupam em pagar o imposto municipal. Na feira, pudemos identificar os chamados “meninos de frete”, que se oferecem para ajudar os consumidores a transportar suas compras até em casa por meio de carrinhos de mão, tudo em troca de alguma quantia de dinheiro, que geralmente variam entre um e três reais, dependendo da distância da moradia.

O mercado público possui uma estrutura pequena, porém é muito organizado e de uma higiene considerada boa pelos que ali trabalham. Nele há apenas a venda de carnes. Os “marchantes”, como são conhecidos os comerciantes, já no sábado à tarde começam a organizar seus produtos no mercado. Por isso, a venda já se inicia ao sábado e aqueles que quiserem adquirir as melhores carnes e cortes se dirigem ao mercado. No domingo, ainda é possível adquirir a carne, mas a qualidade não é a mesma.



Foto 10: **Fachada do mercado público**
Fonte: Acervo da autora (2010)



Foto 11: **Interior do mercado**
Fonte: Acervo da autora (2010)

Quando inaugurado (ano de 1999), o mercado também ganha dois equipamentos no intuito de facilitar o trabalho dos comerciantes de carne. A balança, e a serra elétrica, compartilhada entre os marchantes, auxiliam em suas atividades de vendas. Vale salientar que atualmente alguns deles já possuem seus próprios equipamentos.



Foto 12: **Balança de uso compartilhado**
Fonte: Acervo da autora (2010)



Foto 13: **Serra elétrica de uso compartilhado**
Fonte: Acervo da autora (2010)

A feira livre do município de Riachão não envolve apenas a comercialização de produtos. Durante a realização da pesquisa, foi possível observar que neste campo de trabalho, além da compra de produtos, notam-se as conversas, a troca de informações, ali se sabem das novidades. Assuntos sobre política, agricultura, dinheiro e outras temáticas são constantes na feira.

Principalmente para aquelas pessoas que moram na zona rural da cidade, o dia de feira representa um dia especial. Nesse dia, elas vestem suas melhores roupas e vem para a cidade a fim de comprar produtos e também rever amigos, o que caracteriza como o verdadeiro “point” da cidade em dias de domingo, ou seja, a feira livre pensada e vista para além do ponto de vista econômico.

A feira é um canal de comercialização que possui uma característica bem particular de interação e aproximação. Nessa perspectiva, na feira de Riachão essa realidade não é divergente. Há uma relação direta e personalizada com a clientela, e muitas vezes o preço das mercadorias é obtido por meio do diálogo/discussão entre vendedor e comprador. Um fato também curioso, é que a grande maioria dos comerciantes já possui uma clientela fixa. São fregueses fiéis, que ao chegarem na feira já encontram suas verduras e frutas separadas, pois cedo da manhã os feirantes já escolhem e as guardam. Dessa maneira, o lastro de amizade e confiança também se faz presente. Acerca disto, a feirante M^a Gilvania Paula (27 anos) nos fala:

Aqui na feira, graças à Deus, eu já tenho as pessoas certas que já vem comprar aqui. E a gente já sabe o que eles gostam e quer, por isso todo domingo eu já separo tudo direitinho. Separo as melhores frutas e deixo ai. Quando é mais tarde eles vem só pegar (Informação oral em novembro de 2010).

O cenário da feira Riachãoense é de grande movimento, e sempre tem aqueles feirantes que fazem de tudo para chamar a atenção dos consumidores, frases típicas como “*Vem pra cá que aqui é mais barato*”, “*mulher bonita não paga, mas também não leva*”, “*o preço hoje baixou freguês*”, tornam o ambiente descontraído e conduz a dinâmica da feira. Algo que também chama a atenção é o fato dela terminar cedo. Como a demanda da população é pequena e também ela se inicia muito cedo, às dez da manhã já se evidencia seu término e os feirantes vão embora, porém já se programando para o próximo domingo de feira.

5.2 Perfil dos feirantes

Ao analisar e tabular os dados dos questionários aplicados no universo da pesquisa constatamos que 60% dos feirantes entrevistados são do sexo masculino e 40% do sexo feminino.

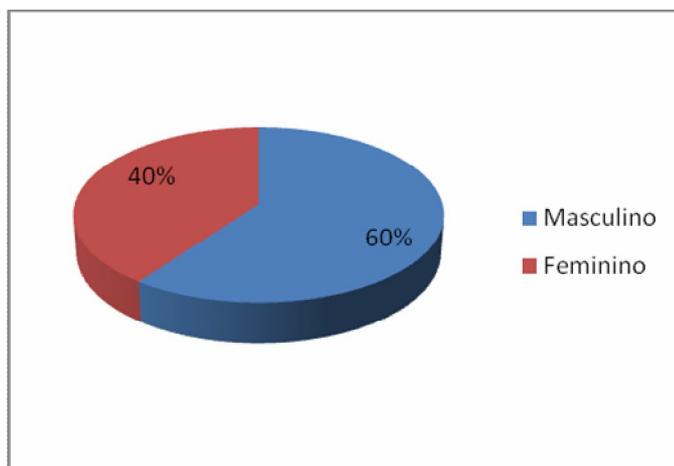


Gráfico 01: **Relação de gênero entre os feirantes**
Fonte: Pesquisa de campo em novembro de 2010

Quanto à faixa etária, comprovamos que o maior percentual dos comerciantes é formado por uma população adulta acima de cinquenta e um anos, alguns deles até aposentados, mas que mesmo assim ainda vem à feira trabalhar. O senhor Luiz Manoel da Silva (85 anos) ressalta: “ *Sou aposentado, mas eu gosto de vir pra cá no domingo pelo menos não fico em casa sem fazer nada. Aqui eu me distraio e ainda ganho um trocadin* ”.(Informação oral em novembro de 2010).

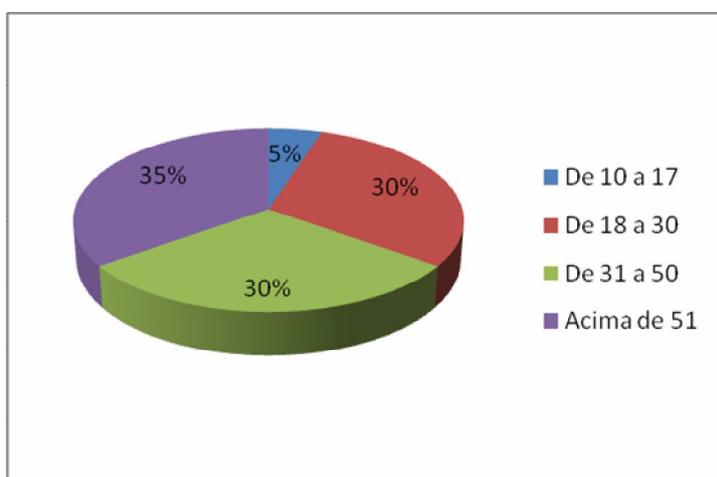


Gráfico 02: **Idade dos feirantes**
Fonte: Pesquisa de campo em novembro de 2010

A dinâmica de vendas na feira é influenciada pelo fluxo econômico da cidade: se aqueles consumidores que trabalham, estiverem recebendo seus salários em dia, as vendas se tornam bem melhores e lucrativas. Quando perguntamos sobre o melhor período de vendas na feira, todos os entrevistados, sem exceção, responderam que é em todo início de mês, como bem nos diz o feirante José Pedro Filho (59 anos): *“Início de mês todo mundo ta com dinheiro né, mas quando vai chegando o finalzinho ai a coisa aperta”* risos. (Informação oral em novembro de 2010).

Verificamos que 40% dos comerciantes (o maior percentual) são residentes do próprio município. Os outros residem nas cidades próximas como Belém (20%) Dona Inês (10%), Tacima (10%), Bananeiras (10%), Borborema (5%) e Araruna (5%) como nos mostra o gráfico 03.

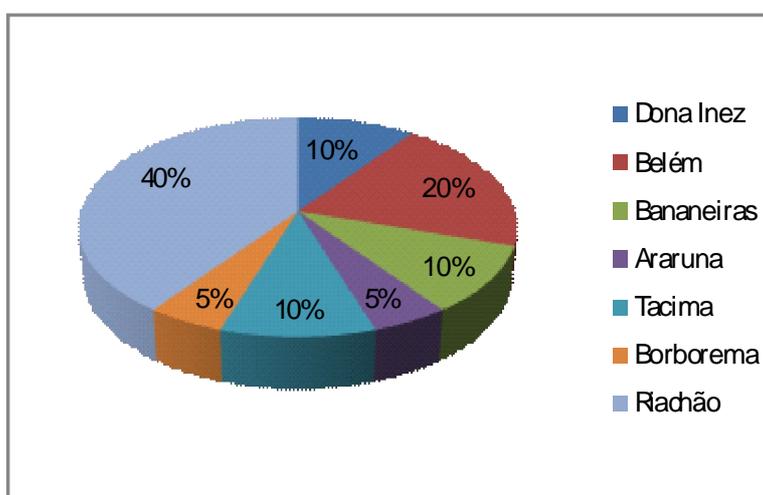


Gráfico 03: **Procedência dos feirantes**

Fonte: Pesquisa de campo em novembro de 2010

Com relação ao nível de escolaridade dos feirantes entrevistados, observamos que houve uma diversificação quanto aos níveis. Na feira temos de trabalhadores analfabetos (neste caso, pessoas que sabem ler e escrever mesmo sem ter freqüentado uma escola) à pessoas com nível superior de escolaridade. O gráfico 04 revela que o maior percentual é de pessoas que possuem o Ensino Fundamental incompleto (35%). O grau educacional dos feirantes está, muitas vezes, relacionada com a própria história de vida de cada um deles. Enfatizando isto vemos o depoimento do feirante José Pedro Filho (59 anos):” *ah, antigamente pra estudar era difícil demais, eu nem cheguei a estudar. Fui criado na roça e Comecei a ir pro roçado logo cedo, trabalhava muito dava nem vontade de pegar em caderno”*.

Já a feirante Giselda Silva (53 anos) nos fala: “*Eu casei muito nova, daí não deu pra continuar, fiz só até a quinta série*”. Por outro lado, o feirante Emerson Ricardo (31 anos) possui o ensino superior incompleto, ele chegou a cursar três períodos de geografia, mas não chegou a concluir. Ele nos diz: “*inicie, mas nem cheguei a terminar. Eu não queria seguir essa área mesmo, e o comércio sempre foi meu ramo*” .(informações orais em novembro de 2010).

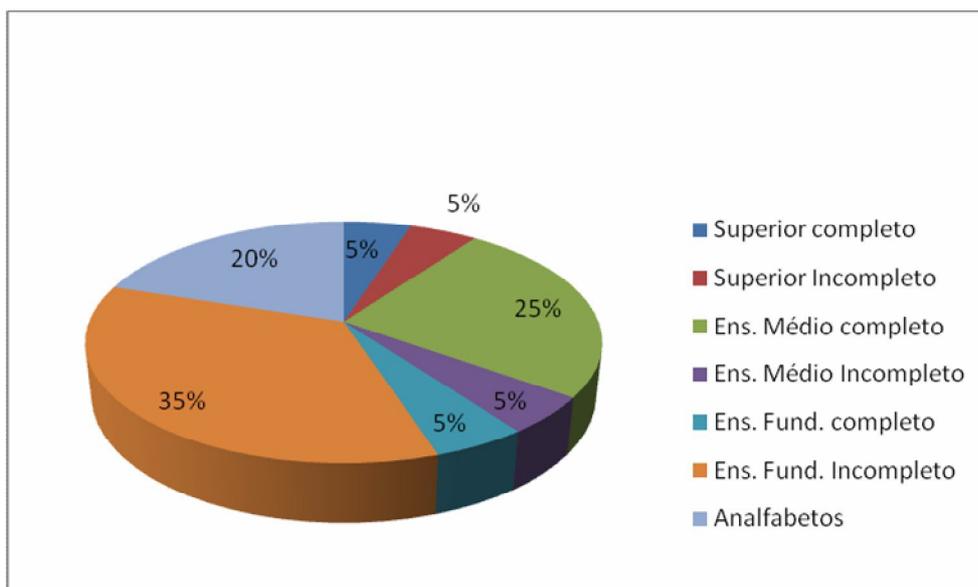


Gráfico 04: **Nível de escolaridade dos feirantes**

Fonte: Pesquisa de campo em novembro de 2010

Mais da metade dos feirantes entrevistados (55%) comercializam na feira há mais de dez anos, ou seja, desde que a mesma foi inaugurada. 20% trabalham entre seis e dez anos e 25% trabalham entre um a cinco anos. Observa-se que a cada ano a feira se expande no que se refere a números de feirantes.

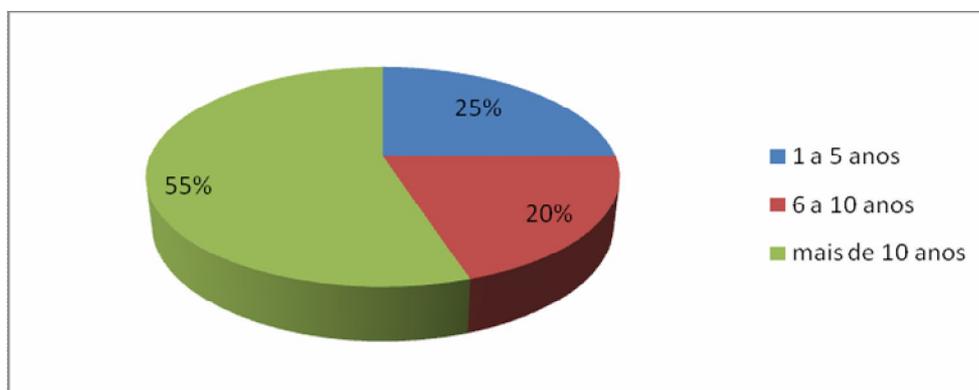


Gráfico 05: **Tempo de comercialização na feira de Riachão**

Fonte: Pesquisa de campo em novembro de 2010

Quando indagados se também comercializavam em outras feiras, 60% responderam que sim e 40% responderam quem só vendiam seus produtos somente na feira riachãoense. Estes últimos, por sua vez, constatamos que são residentes da cidade e o restante do percentual são pessoas de outras localidades que fazem a venda de suas mercadorias em outras feiras que não se realizam no dia de domingo.

Dos feirantes entrevistados, 70% possuem transporte próprio e os utilizam para levar seus produtos até a feira. Geralmente o veículo próprio é resultado de anos de trabalho como feirante. 30% não possuem veículo próprio e tem que pagar frete para que seus produtos cheguem até o ponto de comercialização. O valor do frete varia muito. Muitos deles chegam a para até duzentos reais mensais em frete.

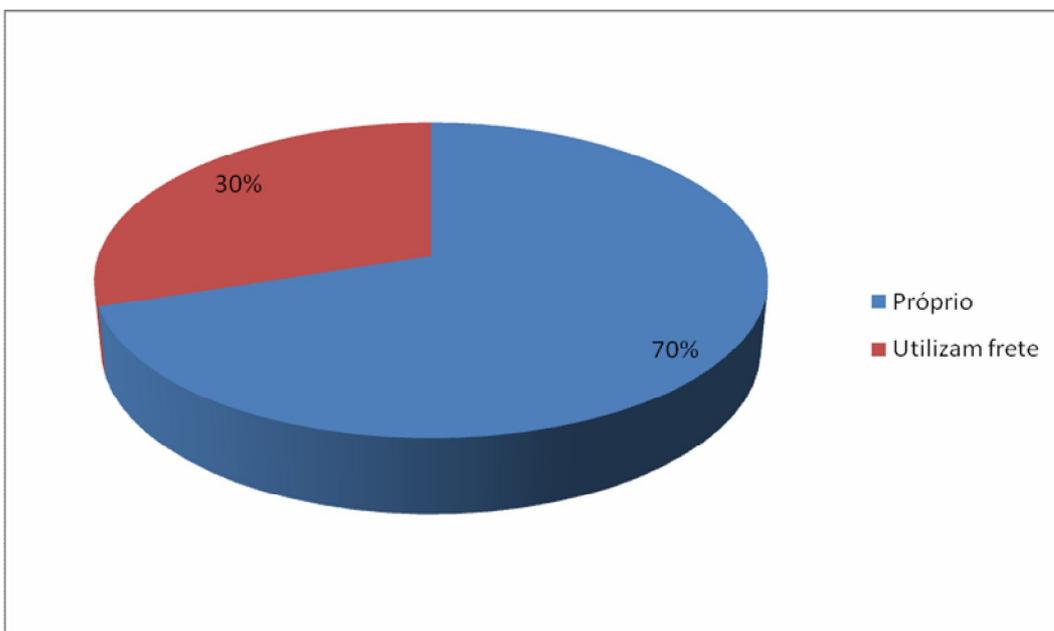


Gráfico 06: **Transporte utilizado pelos feirantes**

Fonte: Pesquisa de campo em novembro de 2010

Sobre seus fregueses, os feirantes definiram de várias formas. Para 20% a clientela é pechincheira, para 50% são bons pagadores e sempre os mesmos e 25% os classificam como exigentes. No decorrer da pesquisa, observamos que o “vender fiado” é um fator que é quase inexistente na dinâmica na feira e quando acontece geralmente se leva em consideração a fidelidade dos consumidores. A respeito, disso a feirante M^a Aparecida Deodato (49 anos) nos revela: “*Eu vendo mais a*

dinheiro, mas as vezes vem um freguês antigo e em consideração a gente vende a prazo ou ele paga aos poucos como puder” (Informação oral em novembro de 2010).

Do total entrevistados, constatamos que 40% possuem outra fonte de renda, além da comercialização na feira livre. 25% são aposentados e 45% responderam não possuir outra atividade econômica complementar. Das outras atividades exercidas pelos feirantes, verificamos dentre elas: Professor, taxista, mecânicos e funcionários de prefeituras.

A renda média mensal na feira riachãoense, de acordo com o gráfico 07, não é muito alta, visto que 60% conseguem lucrar menos de um salário mínimo por mês. Enquanto que apenas 20% conseguem ganhar um salário, e outra pequena quantidade, 10%, variam entre um e dois salários.

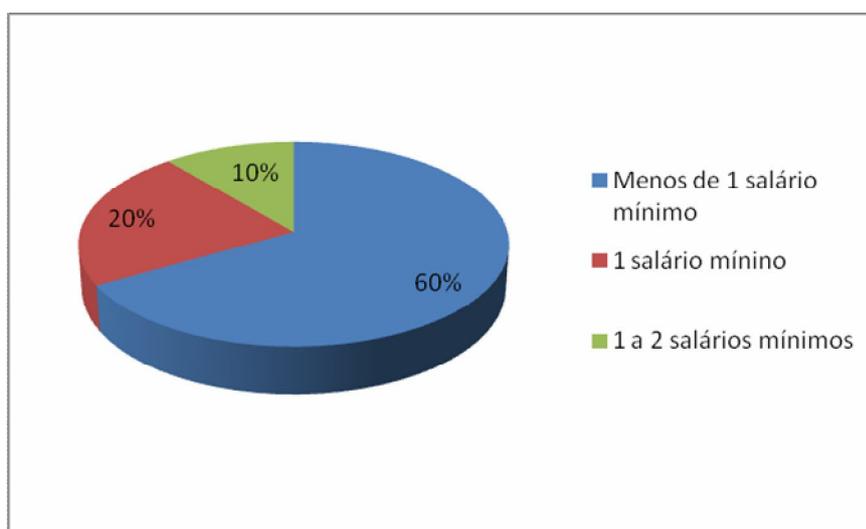


Gráfico 07: **Lucro mensal dos feirantes na feira de Riachão**
Fonte: Pesquisa de campo em novembro de 2010

No que corresponde ao local de origem dos produtos, no caso dos alimentícios, poucos são da própria produção do feirante. Geralmente são comprados diretamente em CEASAS¹⁹ (neste caso, em campina Grande), outros os adquirem em outras feiras com preços para revenda. As roupas comercializadas são adquiridas em grandes feiras, em especial a de Caruaru.

O valor do imposto pago à prefeitura varia muito de acordo com o tipo de produto vendido. Os comerciantes que vendem carne, por exemplo, pagam um valor diferente daqueles que vendem frutas ou confecções. O imposto também é cobrado

¹⁹ Centrais de abastecimento.

tendo em vista o número de bancas de madeira que ele ocupa com seus respectivos produtos. Ressaltamos que cada banca equivale a um real.

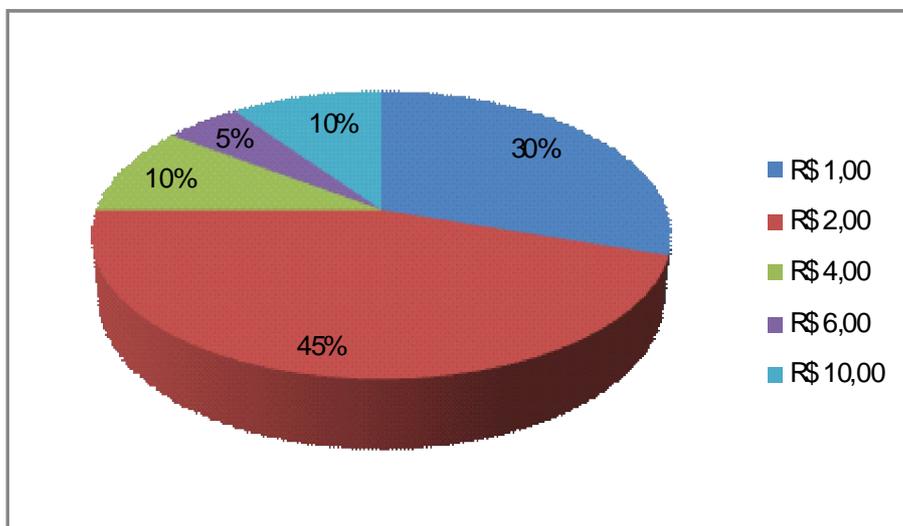


Gráfico 08: **Valor do imposto pago a prefeitura**
 Fonte: Pesquisa de campo em novembro de 2010.

Vale salientar que as pessoas entrevistadas foram os próprios proprietários das bancas. Observamos que 80% deles trabalhavam em conjunto com familiares ou parentes. Apenas 20% tinham ajudantes, estes sem ser familiares.

Questionamos ainda sobre a profissão feirante, sobre o que eles pensavam e se eles se sentiam realizados no trabalho que exercem 75% afirmaram gostar muito do que fazem, apesar de muito cansativo eles se sentem bastante realizados. Outros 25% responderam que prefeririam atuar em outras áreas. O feirante João Batista (54 anos) acrescenta: “*É uma vida muito corrida, não dá muito dinheiro não. Se eu tivesse estudado eu ia ter outra oportunidade de sobreviver né*” (Informação oral em novembro de 2010). Por outro lado, o feirante Osmar Maia, 42 anos, afirma: “*Trabalhar na feira é cansativo, mas acho a melhor profissão, pois você ganha dinheiro se divertindo e se um dia eu deixar de vir a feira, vou sentir muita falta desse movimento todo*” (Informação oral em novembro de 2010).

No tocante as condições da feira, algumas melhorias foram citadas pelos feirantes. A grande maioria falou a respeito da infra-estrutura, confessaram que gostariam que a Prefeitura Municipal construísse mais coberturas (quiosques), para que todos pudessem comercializar igualmente protegidos do sol e da chuva.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar de se constituir em um espaço novo, considerando seu tempo de inauguração, apenas 11 anos, constatamos, neste trabalho, que o surgimento e o dinamismo da feira de Riachão – PB, é de grande relevância para o desenvolvimento da economia do município, na medida em que possibilita as pessoas vindas dos mais diversos lugares o encontro e a troca, através de um ambiente cheio de vida, afetividades e particularidades. Além de dinamizar a economia do lugar.

Pudemos observar que a feira riachãoense encontra-se em expansão, uma vez que a cada ano, o número de feirantes que se integram a ela aumenta. Dessa maneira, a variedade de produtos também poderá aumentar, fazendo com que nela não se comercialize apenas produtos alimentícios.

Foi possível constatar que grande parte dos feirantes sente orgulho de seu trabalho e que valorizam muito a relação com seus fiéis consumidores, pois através do relato dos feirantes, podemos concluir que cada vez mais se fortalece os laços de amizade que comumente se criam e permanece nesse cenário. Vale ressaltar, que o trabalho de campo, e as falas dos personagens que fazem a feira foram de total importância para delinear as características da feira riachãoense.

Por conseguinte, o estudo revelou que para muitos comerciantes, a feira é, sobretudo, um meio de sobrevivência utilizado como a única fonte de renda ou complementação salarial. Como acontecimento semanal, a feira livre é de grande importância para a cultura do lugar, estimula também a cultura popular e se reveste de grande significado para o comércio local. Ela é parte constituinte de uma cultura muito antiga de comercialização que até o momento se conserva. É, sem dúvida, uma forte atividade nas cidades de médio e pequeno porte. A feira livre faz parte de uma paisagem natural que de um modo bem particular retrata o interior de uma determinada comunidade, bem como, reproduz a cultura local através da relação oferta/demanda dos artigos envolvidos na identidade cultural de tal comunidade.

Por fim, esperamos que este trabalho monográfico venha a contribuir de forma efetiva para construção de conhecimentos acerca desse fenômeno tão rico que é a feira livre mas, sobretudo, contribua para o avanço dos estudos sobre geografia e cultura tão pertinente atualmente.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA FILHO, Agassiz. **Sociedade e cultura em Evolução**. São Paulo: Edicamp, 2004.

ARAÚJO, Edna M. Nobrega; MENESES, Joedna reis de. Tessituras da Modernidade. In: Alomia Abrantes; Martinho G. dos Santos Neto (orgs.), **Outras Histórias: Cultura e Poder na Paraíba (1889-1930)**. João Pessoa: Editora Universitaria/UFPB, 2010.

ARAÚJO, Giovanna de Aquino Fonseca. **Múltiplos discursos sobre a feira central de Campina Grande-PB**. Campina Grande: Agenda, 2006.

BÍBLIA sagrada. **Evangelho Segundo São Marcos**. São Paulo: Editora Paulus 1990 cap. 11, p. 1298.

BRAUDEL, Fernand. **Os jogos das trocas**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

CÂMARA, Leôncio Teixeira. **Riachão – parcela de sua história. Fragmento 1**. João Pessoa: A UNIÃO, 2000.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O lugar no/do mundo**. São Paulo, Labur, 2007.

COUTINHO, E.P.; NEVES, H.C.N.; NEVES, H.C.N.; SILVA, E.M.G.; **Feiras livres do brejo Paraibano: Crise e Perspectiva**. UFPB Bananeiras- PB- Brasil, 2006.

CPRM. **Diagnóstico do município de Riachão - PB**. Recife: CPRM, 2005.

CUNHA, I. A.; LIMA, J.C. **Riachão: uma cidade sem história**. UEPB Guarabira – PB – Brasil, 2010.

DANTAS, Geovany Pachelly Galdino. **Feiras no Nordeste**. Mercator – Revista de Geografia, 2008. Disponível em: <http://www.mercator.ufc.br/index.php/mercator/> acesso em: 27/08/2010.

EMBRAPA. **Solos**. UEP. Recife, 2008. Disponível em: <http://www.uep.cnps.embrapa.br/> acesso em: 16/08/2010.

FILHO, Manoel Silviano da Silva. **A feira no cotidiano das famílias Alagoenses entre os anos de 1995 à 2001**. Monografia(curso de especialização em história), UEPB – Guarabira, 2006.

FREITAS, Sônia Maria de. **História Oral: procedimentos e possibilidades.**São Paulo: e-book, 2006.

HUBERMAN, Leo. **História da riqueza do homem.** Rio de Janeiro, Zahar, 1981.

IDEME. **Instituto de Desenvolvimento Municipal e Estadual** . Disponível em: <http://www.ideme.pb.gov.br/index.php> acesso em 15/08/2010.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Base de informações municipais.** 2010. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1> acesso em: 02/12/2010.

INFORMATIVO MUNICIPAL. **Riachão Muda a sua História:** Aspectos Históricos - Geográficos. Produzido pela Prefeitura Municipal de Riachão. Em 29 de abril de 1999.

INFORMATIVO MUNICIPAL. **Riachão – Paraíba: Aspectos Históricos e Geográficos.** Fonte: Prefeitura Municipal de Riachão. Produzido por Editores e Associados. Em 29 de abril de 1998.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.

LIMA, Glauber Floro de. **A Feira de quarta-feira em Jaguaribe.** Monografia (Bacharelado em Geografia) – UFPB, João Pessoa, 2007.

MASCARENHAS, G.; DOLZANI, M. C. S. **Feira livre: territorialidade popular e cultura na metrópole contemporânea.** UFG – Goiânia, 2008.

MORAIS, I. R. D.; ARAÚJO, M. A. A. Territorialidades e sociabilidades na feira livre da cidade de Caicó – RN. Revista Caminhos de Geografia, 2006. Disponível em <http://www.ig.ufu.br/revista/caminhos.html> acesso em 21/08/2010.

PAZERA, Eduardo Jr. **A feira de Itabaiana – PB: Permanência e Mudança.** Dissertação (Tese de doutorado) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2003.

PORTO, Gil Carlos Silveira. **Configuração sócio-espacial e inserção das feiras livres de Itapetinga – BA e arredores no circuito inferior da economia.** Dissertação (Mestrado em Geografia) – UFBA, Salvador, 2005.

SATO, Leny. **Processos cotidianos de organização do trabalho na feira livre**. USP, São Paulo – Brasil, 2007.

SIMÕES, Kaliny Monteiro. **Feira livre de Guarabira: influência no contexto histórico da cidade**. Monografia (Graduação em geografia). Guarabira, 2005.

SPÓSITO, Maria Encarnação Beltrão. **Capitalismo e Urbanização**. São Paulo: Contexto, 1981.

TRE – PB. **Tribunal Regional Eleitoral da Paraíba: Histórico das eleições de 1959**. Disponível em: <http://www.tre-pb.gov.br/> acesso em: 10/07/2010.

VIEIRA, Rute. **A feira livre de Taperoá – PB 2004**. Monografia (Bacharelado em geografia) UEPB – João Pessoa.

APÊNDICE

Apêndice A: Questionário aplicado aos feirantes

Universidade Estadual da Paraíba
Centro de Humanidades Campus III
Departamento de Geo-história
Curso de Licenciatura Plena em Geografia
Odirlane da Silva Lima

Questionário/entrevista

Nome: _____

Idade: _____

Sexo: () F () M

Município em que reside: _____

Tipo de produto que comercializa na feira: _____

1) Há quanto tempo trabalha na feira?

2) Ainda estuda?

3) Grau de escolaridade:

() superior completo () Superior incompleto () Médio completo () Médio
incompleto () Fundamental completo () Fundamental incompleto

4) Trabalha em outras feiras?Quais?

5) Possui outra fonte de renda além da feira?

6) Quanto paga de imposto à prefeitura?

7) Qual sua média mensal de lucro aqui na feira?

() até um salário mínimo

() de 1 à 2 salários

() mais que 2 salários

8) Qual o local de origem dos seus produtos?

9) Como os produtos são transportados até a feira? Utiliza frete? Qual sua despesa mensal em fretes?

10) Como você comercializa seus produtos? Vende apenas a dinheiro? Vende na caderneta?

11) Quem trabalha com você aqui na feira?

12) Como considera seus consumidores? Pechincheiros? Pagadores? Exigente?

13) Qual o melhor e o pior período para vendas?

14) O que você acha da profissão feirante?

15) Sugestões para o melhoramento da dinâmica da feira.

Apêndice B: Fotos da feira livre



Mercadorias sendo descarregadas.

Fonte: Acervo da autora (2010)



Um dos transporte utilizados pelos feirantes para trazer os produtos até a feira.

Fonte: Acervo da autora (2010)



Pessoas da zona rural da cidade chegando na feira.

Fonte: Acervo da autora (2010)



Banca de condimentos e ervas.

Fonte: Acervo da autora (2010)



Banheiros do mercado público.
Fonte: Acervo da autora (2010)



Venda de pratos feitos, um dos locais onde feirantes e consumidores fazem refeições.
Fonte: Acervo da autora (2010)

ANEXO

Anexo A

DIA DE FEIRA NO INTERIOR

JOSÉ DE SOUSA DANTAS

A feira no interior
é um evento especial
torna tradicional
com elevado valor
comparece o agricultor
para a compra realizar
indo vender ou trocar
a miuceira criada
ou legume da enxada
para a renda completar
o comércio em
movimento
de uma forma admirável
que se torna agradável
onde tem muito alimento
para o abastecimento
área urbana ou rural
na seqüência natural
no âmbito da cidade
com maior facilidade
com modo regional

o povo se anima
logo cedo para a feira
indo de qualquer
maneira
pelo caminho de cima
e encontra com a prima

ao chegar lá na cidade
cada um procura abrigo
de parente ou de amigo
onde tenha comodidade
e na sua intimidade
adquire segurança
faz lanche enchendo a
pança
toma uma chamadinha
com tira gosto de
galinha
que dá uma sustança

para ir até a cidade
sela cavalo ligeiro
ou então burro trigueiro
que ganha velocidade

tem deles que fica afoito
toma café com peteca
e bolo feito por Neca
cavalim bom e biscoito
comendo mais que
dezoito
com o ponche de cajá
morango ou maracujá
e vai à casa Leão
testa o madapolão
fabricado no Ceará

tem ainda o costume
perambula toda a hora
até quando for embora
observa o legume
vai na sala de curtume
olha a rabichola e sela
lamparina e a panela
vai na banca de mangaio
por onde vende balaio
ao lado da ruela

noutro canto ele procura
alpercata e baleeira
e raiz de quixabeira
urupemba que atura
o café e rapadura
lá no boxe de Arrudinha
compra arroz e a farinha
o jabá e o feijão
araruta e macarrão
e o óleo de cozinha

passeia o dia inteiro
até pela tardezinha
vai comprar uma
sombrinha
e passar no açougueiro
noutro canto o tempero
completa no botequim
com canela e gergelim
e todo tipo de mistura
adquire uma fechadura
na venda de Seu Joaqui
na venda de Manoel

ao chegar o sétimo dia
novamente vai à feira

volta de forma animada
a cavalo ou a rural
na jornada semanal
janta fubá com coalhada
com farinha e carne
assada
e trabalha sem canseira
cuida da vaca leiteira
vai fazendo economia
ao chegar o sétimo dia
novamente vai à feira

essa é uma rotina
de uma feira geral
seja seca ou invernial
numa área nordestina
a pessoa campesina
se dirige pra cidade
onde tem felicidade
de comprar com seu
dinheiro
sendo forte brasileiro
com muita dignidade

tem a forma de obter
vai comprando o
alimento
para lhe dar o sustento
e poder sobreviver
procura o que fazer
trabalhando no roçado
nem que seja de alugado
para completar a feira
vai lutando a vida inteira
com o braço calejado

distante tenho **saudade**
da feira do interior
onde o homem agricultor
vai comprar utilidade
mesmo com necessidade
mas procura conversar
tem o gosto de encontrar
o amigo e conhecido

desloca sem vaidade
pode ser de bicicleta
outra forma predileta
ou ainda vai a pé
ao sair toma café
parecendo um atleta

também pára um chofer
de caminhão ou de rural
que transporta pessoal
em cima ou na "bulé"
conduz homem ou
mulher

de toda a vizinhança
pois tem a confiança
e mais tranqüilidade
para chegar à cidade
fazer parte da festança

esse meio de transporte
bem carrega miuceira

escolhe a mercadoria
um arreio e uma cia
a botina e carretel
literatura de cordel
e procura se ajeitar
com o saco de estourar
ele toma uma bicadinha
uma pinga cana rainha
para a casa retornar

volta de forma animada
a cavalo ou a rural
na jornada semanal

janta fubá com coalhada
com farinha e carne
assada

e trabalha sem canseira
cuida da vaca leiteira
vai fazendo economia

onde fica entretido
comentando o seu lugar

esse meio de transporte
bem carrega miuceira
galinha de capoeira
o carneiro e o capote
cambito, panela e pote
jerimum e melancia
couro de bode em bacia
e papagaio atrevido
chamando por apelido
animando nesse dia